



A Região Centro

A Região Centro

Apresentação

Espaço de vida para 17% da população do País, a Região Centro constitui o território de articulação do continente Português: pelas grandes vias de atravessamento que ligam o Norte e o Sul, o litoral e a Espanha (a caminho do coração da Europa) mas, também, pelas complementaridades produtivas com as duas áreas metropolitanas (de Lisboa e Porto) ou pelo capital humano que gera e constrói.

Marcada pela diversidade das suas paisagens naturais – do dourado dos areais do litoral à rudeza pedregosa das montanhas do interior, da verde fertilidade dos vales à calma tranquilizante das planuras da raia, dos cintilantes espelhos de água das albufeiras à traquinice dos muitos ribeiros e regatos – é, também, na multiplicidade dos seus territórios produtivos e das suas bacias de emprego que esta Região procura coesão, identidade e vias para o desenvolvimento sustentado e a melhoria das condições de vida para todos os que a habitam.

Território organizado por um conjunto de sistemas urbanos ancorados em cidades médias, de escala humana, ambiente amigável e, já hoje, dotadas do conjunto básico dos equipamentos sociais indispensáveis à qualidade de vida legitimamente ambicionada pelas populações, a Região Centro inverteu na última década uma tendência histórica para o despovoamento revelando, assim, o reforço da sua atractividade.

Rica em património construído – sítios arqueológicos, castelos e fortalezas, núcleos urbanos seculares e pequenas aldeias adormecidas no tempo, igrejas e mosteiros, a velha Universidade de Coimbra – mas, também, natural e paisagístico, a Região Centro distingue-se ainda pelos seus homens e mulheres que foram (e são) protagonistas da construção do País e da sua Identidade. Nomes como Pedro Álvares Cabral – o descobridor do Brasil; Nuno Álvares Pereira – o herói da independência; Ribeiro Sanches – o homem de saber de estatura europeia; D. Dinis – o rei poeta, ordenador do território, e sua mulher Isabel – caridosa e santa; e muitos homens de letras – Aquilino Ribeiro, Virgílio Ferreira, Miguel Torga, Carlos Oliveira... são, apenas, alguns exemplos.

Hoje, continua a ser na sua gente – tradicionalmente franca, corajosa e activa – que a Região encontra vitalidade para a iniciativa, inovação e acolhimento aos outros que lhe nutrem o futuro.

Com este livro, a CCRC pretende dar um contributo para revelar a riqueza da diversidade de uma região que, desde a periferia atlântica, participa de pleno direito dos desafios e oportunidades da construção europeia.


Autor de muitas reflexões que têm ajudado a mobilizar a Região Centro para o desenvolvimento, o Professor Jorge Gaspar dá-nos, ao longo das páginas que se seguem, um bom retrato desta região que somos. Vale, pois, a pena lê-las.



João Vasco Ribeiro

Presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro





A REGIÃO CENTRO, COMO O PRÓPRIO NOME INDICA, ocupa uma posição central no contexto do espaço português. Esta centralidade decorre não só da sua localização, entre o Norte e o Sul, mas também das suas características de espaço charneira e de articulação: física, económica, social e cultural.

A emergência das duas principais aglomerações urbanas do País, as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, longe de esvaziar e enfraquecer o espaço intermédio, acentua o papel de ligação a um vasto território que se foi afirmando ao longo dos séculos a partir de uma situação periférica, como sugere a designação tradicional: província das Beiras. As Beiras cresceram da fronteira para o Litoral, alargando-se para Norte e para

Sul, ao encontro de espaços que ou já tinham ganho identidade (Entre Douro e Minho), ou a foram adquirindo (Estremadura, Alentejo).

A Região Centro é, portanto, a herdeira das Beiras e, como resultado do seu processo genético, caracteriza-se por uma diversidade feita da junção de unidades territoriais de diferentes dimensões, que puderam cimentar a sua unidade ao longo do processo histórico.

A “intermediação” entre o Norte e o Sul, entre Lisboa e Porto, contribuiu não só para a construção da identidade como para a afirmação de um papel de articulação, desempenhado sobretudo pelos principais centros urbanos: Coimbra, no eixo Lisboa-Porto, apoiado numa infra-estrutura rodoviária desde o período romano, mas também com acesso pela navegação fluvial ao Oceano e ao Interior, prolongando-se depois pela mítica Estrada da Beira, até à fronteira; Viseu, ocupando uma posição central no interior da região, organizando vasto território de

boas acessibilidades locais e estabelecendo ligações ao Porto, ao Litoral, à fronteira e a Coimbra; Aveiro, a porta oceânica, que permitiu desde muito cedo o acesso das Beiras ao comércio e às pescarias do Atlântico Norte, o que lhe facultou uma ampla autonomia, que na diversidade veio enriquecer e dar mais coesão ao espaço de transição entre o Norte e o Sul – os caminhos do mar oceânico conferiram a Aveiro e território envolvente uma abertura económica e cultural que esteve sempre na base da sua continuada actualização; Guarda e Castelo Branco, sentinelas da fronteira com Castela, mas também pólos organizadores de todo o território que vai do Douro ao Tejo, desempenham papéis decisivos no reforço da coesão das Beiras e do próprio País, articulando o Norte e o Sul, ao mesmo tempo que levam o Interior para o Litoral; mais a sul, Leiria, cidade e território, a cavalo nas Beiras e na Estremadura, com as modernas infra-estruturas de transporte (estradas e caminho-de-ferro), acabaria por se inserir na Região Centro, já que desempenha idêntico papel de charneira, podendo identificar-se como o “norte do sul” e o “sul do centro”. Todavia, a capital tradicional, não no sentido da centralidade hegemónica, mas na convergência física e cultural deste amplo espaço do *Portugal Central*, é Coimbra, onde se interceptaram, ao longo dos séculos, os grandes eixos de acessibilidades e aí se localizou, desde a Idade Média até 1911, a Universidade de Portugal, que contribuiu não só para a infra-estruturação imaterial do País, como também para robustecer a coerência das Beiras e do seu papel central para toda a Nação.



■ Região Centro

No entanto, no contexto europeu, a Região Centro é uma região periférica, no duplo sentido, geográfico e económico. Se a tirania das distâncias coloca a Região Centro longe dos principais centros europeus, a carência de boas acessibilidades acentua esse carácter periférico: mesmo com o advento do caminho-de-ferro no século XIX e com as auto-estradas do século XX (ainda por concluir...), a Região Centro está mais longe do que a simples distância já evidencia.

Na outra vertente, a da Economia, apesar dos notáveis progressos verificados nos últimos 15 anos, a Região Centro é ainda uma das regiões mais pobres da União Europeia e o seu PIB *per capita* representava em 1998 apenas 65,0% do valor médio dos 15, embora revelando nítida capacidade de recuperação: em 1988 o valor homólogo era de 46,3%.



Urbanidade e Ruralidade

RECORRENDO A UM CERTO NÚMERO DE INDICADORES com relevo para os que definem estatisticamente população urbana e população rural no contexto da União Europeia, a Região Centro (NUTE II) é uma região rural. A esta realidade estatística corresponde, todavia, uma realidade social, económica e cultural distinta e diversificada.

A Região Centro tem uma forte herança rural e agro-pecuária que, entretanto, sofreu profundas transformações nos últimos 20 anos, transformações que não transparecem imediatamente numa simples análise estatístico-demográfica-económica. De facto, o processo de urbanização que tem vindo a processar-se na Região não se traduz exclusivamente em concentração nos principais centros urbanos, tendo lugar também nos núcleos

de menor dimensão como o são a maior parte das sedes de concelho, vilas ou cidades, e até alguns aglomerados que, apesar de não terem aquelas funções administrativas, conseguiram ancorar um certo número de actividades industriais ou de serviços, que alteraram profundamente o modo de vida das populações. Por outro lado, na faixa litoral, de Leiria a Aveiro e em torno dos principais centros urbanos do interior (Viseu, Guarda, Covilhã e Castelo Branco), tem-se verificado o desenvolvimento do que temos designado por urbanização *in situ*, que corresponde à integração das populações rurais, dispersas ou habitando aldeias e lugares, no modo de vida urbana, que se traduz em alterações nas capacitações da população mais jovem e na oferta de empregos correlativos na proximidade dos locais de residência. Este processo tem originado uma nova paisagem a que correspondem novos estilos de vida,

	Área (km ²)	Freguesias (2001)	POPULAÇÃO RESIDENTE			EVOLUÇÃO POPULACIONAL		DENSIDADE POPULACIONAL
			1981	1991	2001	1981-1991	1991-2001	Hab/Km ² (2001)
Região Centro	23668,2	1109	1763119	1721650	1779672	-2,4	3,4	75,2
Baixo Vouga	1807	114	336637	350424	385434	4,1	10,0	213,3
Baixo Mondego	2062,4	119	329957	328858	339666	-0,3	3,3	164,7
Pinhal Litoral	1740,8	65	215816	223025	248931	3,3	11,6	143,0
Pinhal Interior Norte	2617,5	114	152056	139413	138652	-8,3	-0,5	53,0
Dão-Lafões	3483,3	223	295094	282462	285680	-4,3	1,1	82,0
Pinhal Interior Sul	1906	43	60527	50801	44833	-16,1	-11,7	23,5
Serra da Estrela	871,6	67	56991	54042	49902	-5,2	-7,7	57,3
Beira Interior Norte	4068,8	239	130104	118513	114872	-8,9	-3,1	28,2
Beira Interior Sul	3738,1	58	86138	81015	78248	-5,9	-3,4	20,9
Cova da Beira	1372,6	67	99799	93097	93454	-6,7	0,4	68,1

nas múltiplas combinações de urbanidade e ruralidade.

Um dos aspectos relevantes traduz-se na viabilização de muitas pequenas explorações agro-pecuárias, integradas numa economia familiar tradicional, em que o trabalho do campo é exercido pelos mais idosos ou pelos adultos e jovens em tempo parcial.

Estas diferentes facetas do processo de urbanização deram lugar a novas formas urbanas, que se traduzem na configuração de sistemas urbanos territoriais, em geral com características de policentrismo, por vezes configurando eixos.

Assim, Leiria-Marinha Grande, Coimbra, Aveiro-Águeda-Ovar, Viseu e Castelo Branco-Covilhã-Guarda, comandam espaços urbanizados com populações que variam entre os 100.000 e os 200.000 habitantes. São estes novos factos urbanos que permitem desenhar uma visão para o desenvolvimento futuro da Região, na medida em que representam limiares adequados para ancorar investimentos estruturantes, tanto de natureza pública como empresarial.

Cidades Médias e Intermediação

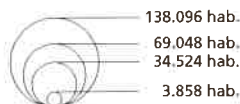
A densidade da rede urbana, comandada por um bem distribuído conjunto de cidades de média dimensão, constitui um dos melhores trunfos da Região Centro.

A distribuição geográfica, definindo eixos bem suportados pelas redes rodoviária e ferroviária, potencia o papel de intermediação daquelas cidades, que são a um tempo etapas entre Lisboa e Porto e entre o Litoral e as regiões fronteiriças espanholas. Muitos dos investimentos produtivos realizados nos últimos decénios têm sido feitos na observância desta lógica espacial.

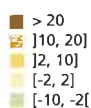
Por outro lado, essas cidades médias fazem ainda a intermediação entre a urbanidade e a ruralidade, constituindo hoje, aos níveis local e sub-regional, instrumentos de valorização económica e de revitalização demográfica e social dos espaços rurais com que se articulam, representando os agentes mais dinâmicos das novas relações de parceria entre o campo e a cidade.

Aglomerações Urbanas

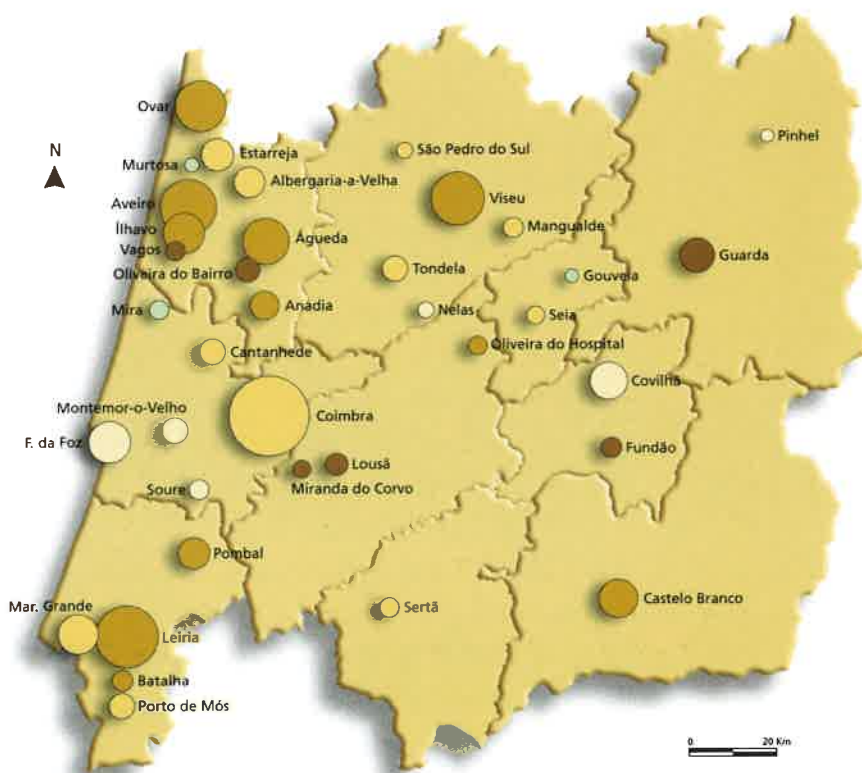
População Residente 2001
(Dados Preliminares)



Varição da População Residente (%), 1991-2001



*População das Freguesias predominantemente urbanas (INE)



O espaço intersticial destes sistemas urbanos territoriais ou se articula organicamente com os pólos urbanos que os definem, ou evidencia a carência de núcleos urbanos com capacidade organizativa. Entretanto, emergem algumas polarizações secundárias, bem definidas no eixo Oliveira do Hospital-Seia-Gouveia, menos consolidadas nos casos de Sertã, Arganil ou Trancoso e Pinhel. Note-se, todavia, que de uma maneira geral, todas as sedes de concelho, mesmo nas áreas de menor densidade demográfica, oferecem boa infra-estruturação básica e uma oferta razoável de equipamentos sociais, suficientes para ancorarem o investimento privado, desde que sejam supridas as carências de recursos humanos.

Um Mosaico de Paisagens em Transformação

O CLIMA, A GEOLOGIA E A GEOMORFOLOGIA SÃO suficientemente contrastantes para definirem um quadro natural rico e diversificado, sobre o qual a acção do Homem, ao longo de milénios, ora sublinhou os contrastes, ora estabeleceu aproximações.

O clima é genericamente do tipo mediterrâneo, na transição para o marítimo atlântico, com manifestações de continentalidade no interior, acentuadas por acção das cadeias montanhosas.

A geologia evidencia duas unidades principais: a Orla Ceno-Mesozóica, que se estende ao longo do Litoral, constituída por rochas sedimentares, em que os calcários têm uma expressão muito forte na paisagem; e o Maciço Antigo, constituído em boa medida por xistos e granitos.

A tectónica marca as grandes unidades geomorfológicas, nomeadamente a depressão periférica (ao longo do contacto entre a Orla Sedimentar e o Maciço Antigo), o alinhamento montanhoso que se estende a Oeste, do Montemuro ao Maciço Calcário Estremenho, a Cordilheira Central que atravessa grande parte da Península Ibérica na direcção Nordeste-Sudoeste e que em Portugal tem na Serra da Estrela o seu ponto culminante. A Norte emerge ainda um conjunto de blocos montanhosos que separam as bacias do Douro e do Vouga (serras de Leomil e da Lapa).

No interior do Maciço Antigo, ao longo de diferentes alinhamentos fracturantes, constituiu-se, desde o final da Era Mesozóica, um certo número de bacias de abatimento, preenchidas com rochas sedimentares e que permitiram o desenvolvimento da agricultura e a densificação demográfica: bacias da Lousã, de Arganil, de Idanha-a-Nova, da Cova da Beira...

Os movimentos tectónicos mais recentes actuaram sobre todo o território e

impulsionaram a erosão. Da conjugação destes dois processos produziram-se formas muito acidentadas, recortadas por inúmeras linhas de água, que originaram, a partir dos planaltos raianos para o Litoral, grandes dificuldades ao movimento de pessoas e de mercadorias.

Da continuada interacção entre estes múltiplos agentes modeladores, originou-se um rico e diversificado leque de paisagens, que a acção do Homem vai compondo, descompondo e recompondo, mas onde se mantêm os grandes traços resultantes do casamento entre natureza e civilização.

Esse multifacetado mosaico compõe três grandes unidades: as planícies e colinas da orla sedimentar litoral, as montanhas e os planaltos do interior.



Na faixa ocidental, genericamente designada por Beira Litoral, não obstante a intensidade da urbanização e da industrialização, permanecem as identidades sub-regionais do espaço rural, em que se destacam de Norte para Sul, a Ria de Aveiro e a Ribeira do Vouga, a Gafanha, a Gândara, a Bairrada, o Baixo Mondego (Campo e Monte), o Pinhal Litoral.

É, num curto percurso de pouco mais de 100 quilómetros, uma riqueza de paisagens variadas, das marinhas de sal aos verdejantes prados que envolvem a ria, das colinas de arenitos vermelhos da Ribeira do Vouga, com as suas renovadas indústrias que Águeda centraliza, aos pequenos e bem tratados vinhedos da Bairrada, que contactam do lado do mar com os pinhais e campos agricultados intensivamente nas Gafanhas e Gândaras. A sul, o Mondego, hoje encanado, percorre o seu Campo, sobre o qual se debruçam rosários de povoações nas vertentes das margens Norte e Sul, progressivamente tocadas pela urbanização, por impulso da metrópole

Coimbra e, em menor grau, pela cidade da Figueira da Foz. Os campos de arroz passam da planície aluvial do Mondego para as várzeas dos afluentes a Sul, bordejados por arvoredos, onde também a indústria e a urbanização vão emergindo, fazendo-se assim a transição para os extensos pinhais, em que se releva o do Rei, El-Rei Dom Dinis.

De Montemuro a Sicó, a montanha barra a litoralidade, que penetra pelos corredores dos grandes rios – o Vouga e o Mondego, os eixos tradicionais de penetração e de articulação com o Interior, onde os vinhedos que se consolidaram nas terras de Lafões e na Bacia do Dão, constituem a marca mais distintiva. Mas a paisagem rural e agrária deste interior planáltico que corre para o Vouga e para o Mondego é mais diversificada na difusão das vilas,



aldeias e lugares, na mescla da vinha com a oliveira e os mais variados pomares de saborosas frutas, em que reina a maçã de sabor local: o *Bravo de Esmolfe*. Para lá do Mondego, já nas cabeceiras das bacias do Douro e do Tejo, identificam-se as terras planálticas e acidentadas de Ribacoa, as terras de fronteira, por isso marcadas pelos castelos que, ao longo de séculos, foram sentinelas do solo pátrio e hoje são marcas de atraentes itinerários do turismo. São também terras de vinho e do azeite, mas onde a paisagem é mais marcada pelas árvores de grande porte, isoladas ou em pequenos bosques: os castanheiros, os carvalhos, os freixos.

Das cabeceiras do Côa passa-se facilmente às cabeceiras do Zêzere e por isso a engenharia hidráulica ligou as duas bacias, através das albufeiras do Sabugal e da Capinha, respectivamente, no rio Côa e na Ribeira da Meimoa. Aqui estamos já na mítica Cova da Beira que, como o nome indica, é uma depressão entre montanhas – a Gardunha e a Estrela – e por isso sempre valorizada pela riqueza dos solos e a amenidade do clima; terras de pão, de

azeite e vinho, terras também de pastores e queijeiros e ainda de gente industriosa e inovadora que, ao longo de milénios, soube aproveitar as oportunidades que despontavam algures: no têxtil, no comércio das frutas, na vida de relação.

Passada a Gardunha, para sul, o Campo de Castelo Branco, a Meseta, cerealífera e pecuária, fazendo a transição para a Estremadura espanhola e para o Alentejo, articulando-se também com as agrestes terras de xisto que se movimentam no acidentado do relevo, em que a floresta clímax deu lugar a pobres pastagens de ovinos e caprinos que, por sua vez, acabariam num contínuo coberto de pinhais, hoje devastados pelos incêndios, facilitados pelo abandono das populações que procuraram na emigração a sorte que



esta pobreza de solos, escassos, não podia propiciar: é o Pinhal Interior, que busca um novo modelo de afirmação e de identificação.

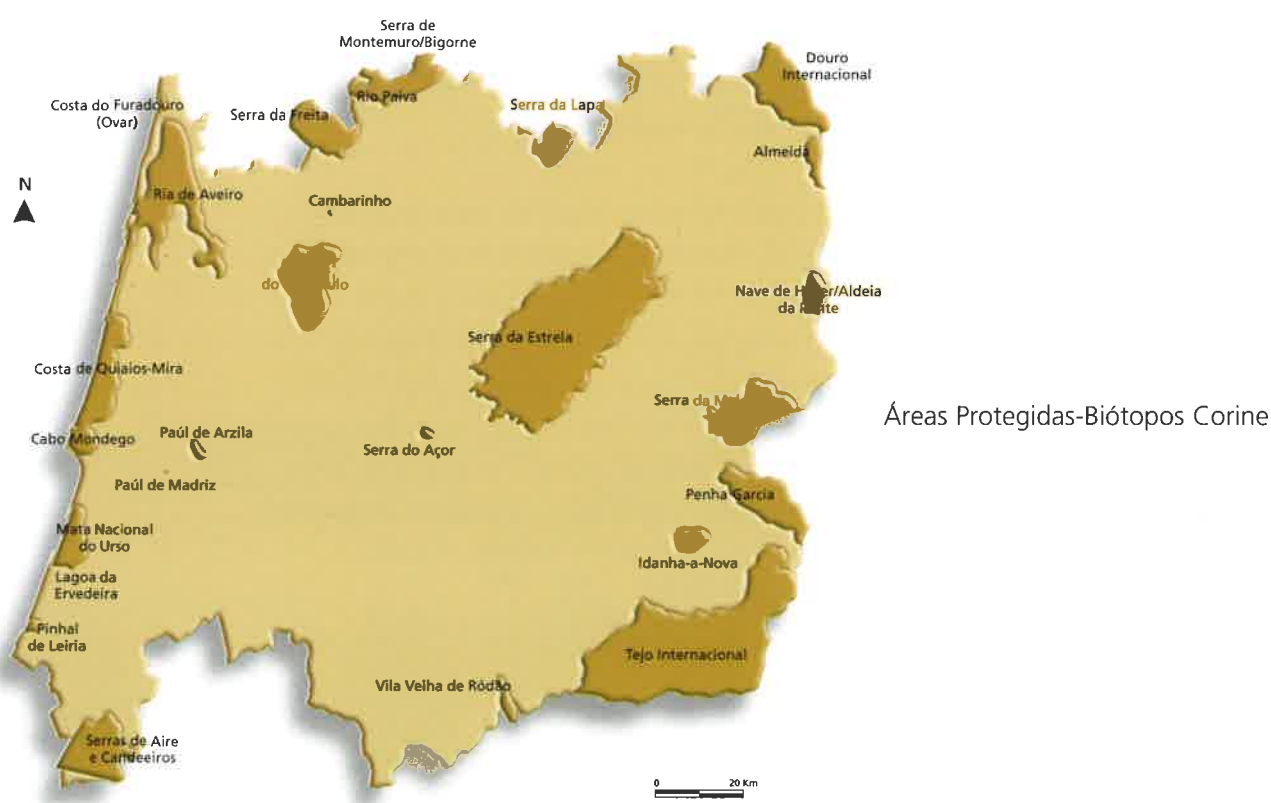
De permeio, entre o Sul e o Norte, da Serra da Lousã à Serra da Estrela, prolongando-se para lá da fronteira, a Montanha, a Cordilheira Central, a espinha dorsal, do País e da Península Ibérica. Unidade que comparticipa de outras unidades de vida e de paisagem. Mas com um elo de ligação que aproxima todas as paisagens de montanha e que se traduz na austeridade das gentes, dos lugares e das economias. Uma austeridade que afasta muitos dos que lá nascem, mas que ao mesmo tempo fascina e atrai os que olham de fora, turistas e amigos da Natureza. A Cordilheira Central, com pastores e espaços de descoberta, é outra referência maior da Região Centro.

Da Mãe Natureza ao Património Natural

O MAIOR RIO INTEIRAMENTE PORTUGUÊS (O MONDEGO), o ponto mais alto do Portugal peninsular (a Serra da Estrela), o Oceano ao longo de muitas dezenas de quilómetros de areais brancos e vazios, as paisagens agrestes das montanhas, os santuários da antiga floresta clímax... A Região Centro é também uma grande reserva da natureza, com que se identificam não só as populações residentes, mas todos os portugueses.

Por isso há respeito por aqueles valores e muitos outros que têm vindo a ser classificados e já fazem parte do património comum de uma Europa, que também assim ganha identidade. Essa realidade traduz-se num conjunto de áreas de paisagem protegida, em que se destacam o Parque Natural da Serra da Estrela, o Tejo Internacional, a Reserva Natural da Serra da Malcata, as Reservas Naturais das Dunas de São Jacinto, do Paul de Arzila, a Área de Paisagem Protegida da Serra do Açor, além de uma parte significativa dos Parques Naturais das Serras de Aire e de Candeeiros e do Douro Internacional.

Todo este património tem não só um valor simbólico, científico e social, mas também, dentro dos limites do bom ordenamento do território, um potencial que pode ser mobilizado como recurso económico, no contexto das actividades do turismo, em que podem confluír e ser relevadas estas dimensões. De facto, o turismo de natureza está já em vias de se tornar uma valiosa oferta turística da Região.





Região Centro



As Gentes, a História e a Cultura

PROGRESSIVAMENTE, AS POPULAÇÕES DOS ESPAÇOS que correspondem hoje à Região Centro têm vindo a cimentar a sua identificação com este território que, em grande medida, corresponde à antiga Província das Beiras, sendo que esta foi, ao longo dos tempos, e sobretudo nos últimos dois séculos, subdividida, por vezes segundo critérios algo estranhos e até com algumas designações extravagantes: Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral, Beira Interior, Beira Serra, Beira Transmontana, Beira Mar, Beira Marítima, Beira Ocidental, Beira Meridional, Beira Central, Beira Minhota (!)...



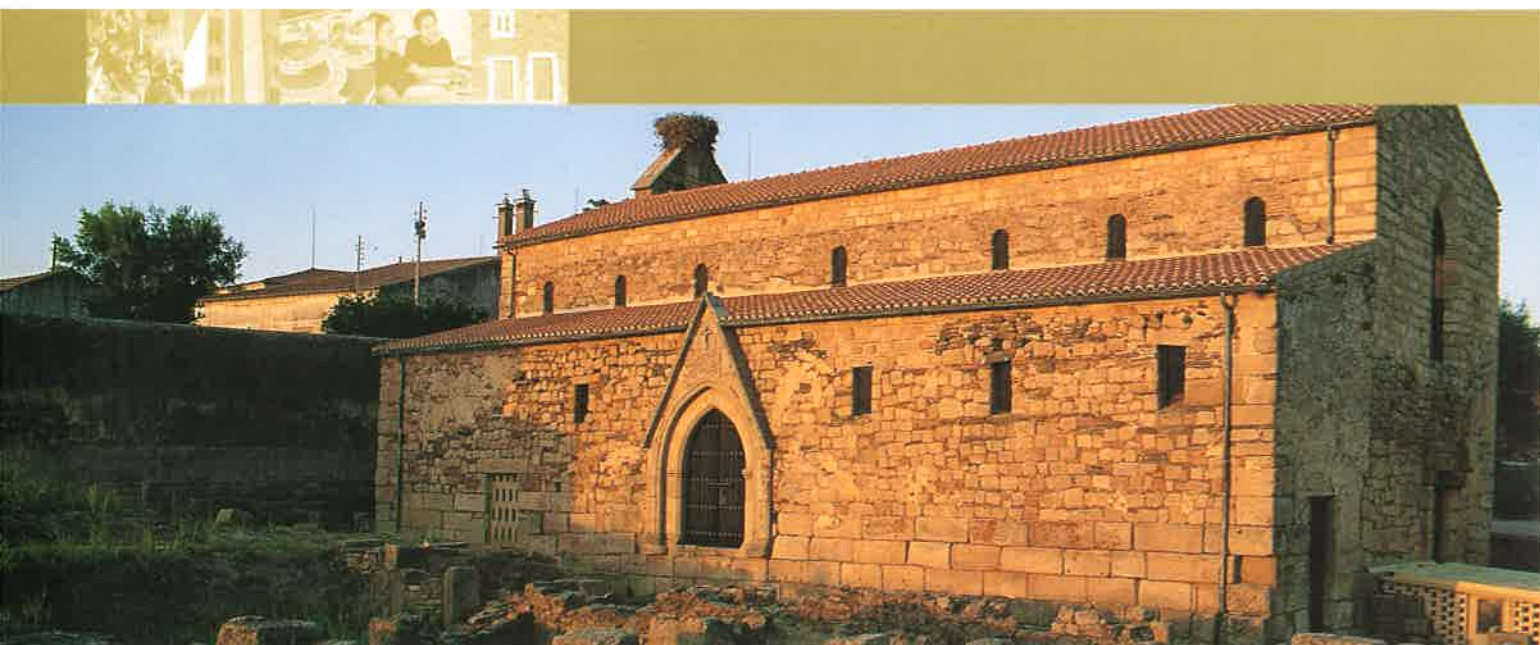
A Região Centro é a “herdeira” de um vasto leque de espaços vividos segundo geometrias variáveis em diferentes tempos históricos. Das *terras* históricas aos recônditos *casais*, é nas sucessivas identificações com o território que se manifesta e robustece a coesão social. Ao longo dos séculos as populações construíram e apropriaram-se do território, encontrando muitas vezes longe da Pátria as energias para a continuada valorização e actualização.

Gente em contínuo movimento, no interior do espaço regional, no País e, em certos períodos, sobretudo para terras estrangeiras, os beirões nunca deixaram de enriquecer as suas terras de origem, pela inovação económica, pela edificação de património, pela procura de melhor educação para os filhos. Nem sempre as envolventes (regional, nacional, mundial) permitiram o melhor sucesso para tais desígnios, mas ficaram marcas na História, das gentes e do território, que atestam as ambições e o esforço. As populações da Região Centro souberam também guardar as heranças de diferentes tempos e civilizações, constituindo hoje o seu património

histórico-cultural um recurso precioso. Neste percurso, a Universidade de Coimbra desempenhou e continua a desempenhar um papel relevante, hoje partilhado e reforçado por outras instituições do ensino superior, universidades e institutos politécnicos, pólos de atracção e valorização de recursos humanos.

Até ao início do século XX, Coimbra foi a única universidade do País, contribuindo de forma decisiva para a formação das elites nacionais. O seu papel foi ainda relevante enquanto escola formadora de quadros superiores do Brasil, tanto antes como após a independência da grande nação sul-americana.

Espaço aberto, pelo lado do mar e pelo lado da terra, a todos os contactos de civilização, a Região Centro, não obstante a sua localização periférica em



relação aos grandes pólos civilizacionais da Antiguidade, recebeu importantes e decisivos impulsos ainda antes da ocupação pelos romanos que, podemos dizer, deram o mais forte e perene travejamento à organização do território que, no essencial, permanece: nos grandes eixos de transportes, na rede urbana, no substracto cultural.

A herança romana está também marcada num grande número de sítios e monumentos arqueológicos, destacando-se Conímbriga, alguns quilómetros a sul de Coimbra, localizada na importante estrada romana que ligava Olisipo (Lisboa) a Cale (Gaia) e que representou a principal infra-estrutura integradora da fachada ocidental da Península Ibérica. No entender de um dos mais ilustres historiadores portugueses, também ele um homem das Beiras, Jaime Cortesão, esta “litoralização” da romanização foi determinante para a futura configuração de Portugal.

São também abundantes os vestígios da ocupação humana anterior aos romanos, que de resto encontraram uma grande oposição por parte de

povos que habitavam os planaltos e montanhas do interior, em que se destacaram os lusitanos, de que um dos chefes, Viriato, teve bases de apoio neste território, com destaque – físico e simbólico – para o sítio onde se ergue a cidade de Viseu.

No longo período que se segue à queda do Império Romano (século V) e até à *Formação de Portugal* (século XII), o território da Região Centro, apesar do declínio, nunca deixou de manter uma efectiva ocupação humana e centros directores da vida económica, social, cultural e política. Deve destacar-se, em primeiro lugar, o papel organizador da Igreja, que sucede efectivamente aos romanos – das múltiplas freguesias e pequenos cenóbios isolados, às grandes organizações de ordens religiosas e, sobretudo, às



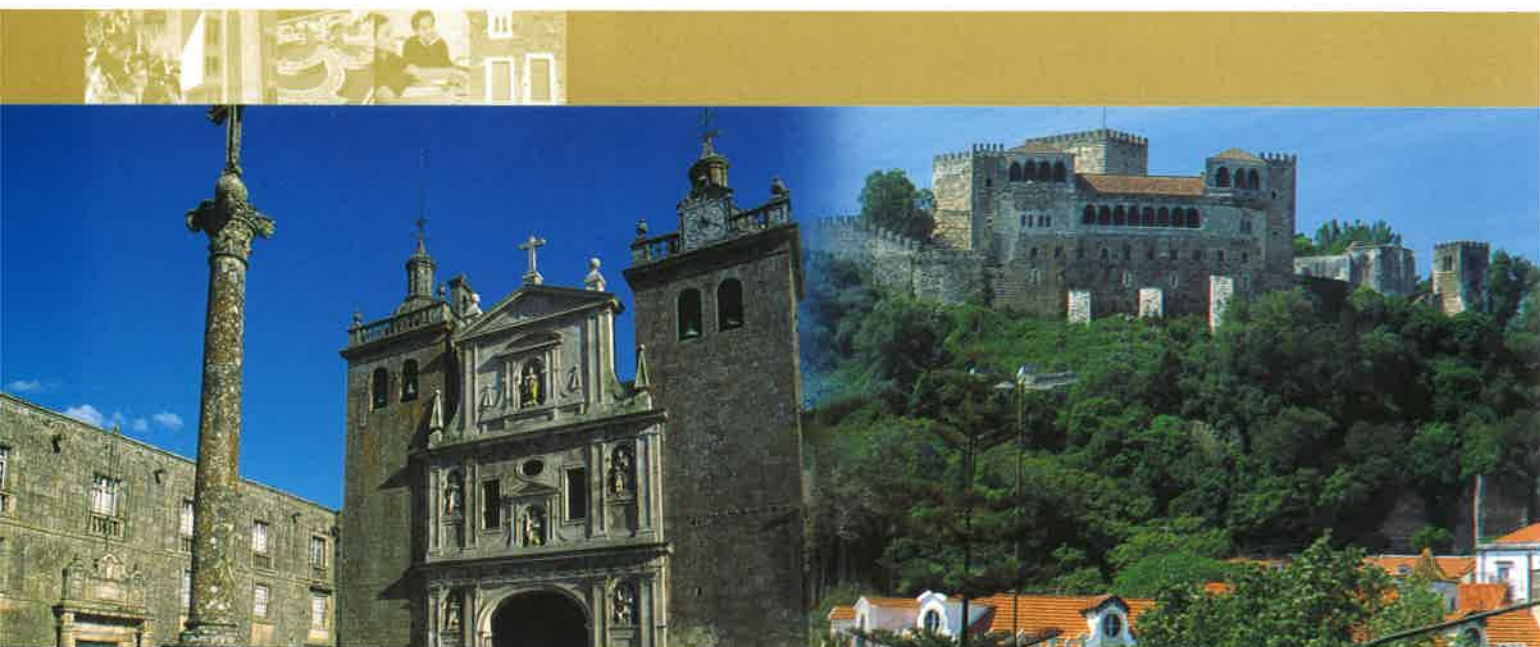
metrópoles episcopais (Lamego, Viseu, Egitânia, Coimbra). Se, no período Visigótico, Egitânia (Idanha-a-Velha) teve um papel fundamental para a continuidade da ocupação e organização do território, no período de ocupação muçulmana, apesar da fragmentação consequente às *guerras* da Reconquista Cristã, é primordial o papel de Coimbra, importante centro da cultura moçarabe, que permitiu “iluminar”, nesse período conturbado, os espíritos e a vida económica numa área de fronteira móvel, da luta entre cristãos e muçulmanos. Esse facto explicará porque Coimbra emerge como uma possível “capital” nos primeiros tempos da monarquia portuguesa.

São limitados os vestígios materiais da Alta Idade Média. Na realidade só com a consolidação do Reino de Portugal, marcada com a conquista e defesa da linha do Tejo, começam a emergir as cidades que acabariam por definir a rede urbana da Região Centro: Coimbra, Viseu, Aveiro, Leiria e as fundações *ex-novo* de Guarda e Castelo Branco, onde, a par do

desenvolvimento económico e social, se vai edificando um valioso património arquitectónico.

Ao mesmo tempo cresce a população e, desde muito cedo, verifica-se um importante contributo para a projecção de Portugal, primeiro na Reconquista do Sul do País e no engrandecimento de Lisboa que ia emergindo como *capital* do Reino, depois no apoio – muitas vezes decisivo – aos descobrimentos marítimos, ao comércio, à navegação e ao povoamento de novos territórios além-mar.

Do período áureo das descobertas marítimas ficaram nomes que são também património de outras partes do Mundo, quando não da Humanidade, como



Pedro Álvares Cabral (que dirigiu a armada que nos levou até ao Brasil pela primeira vez) e outros menos conhecidos que, a partir de Aveiro, exploraram novas rotas marítimas, como João Afonso de Aveiro.

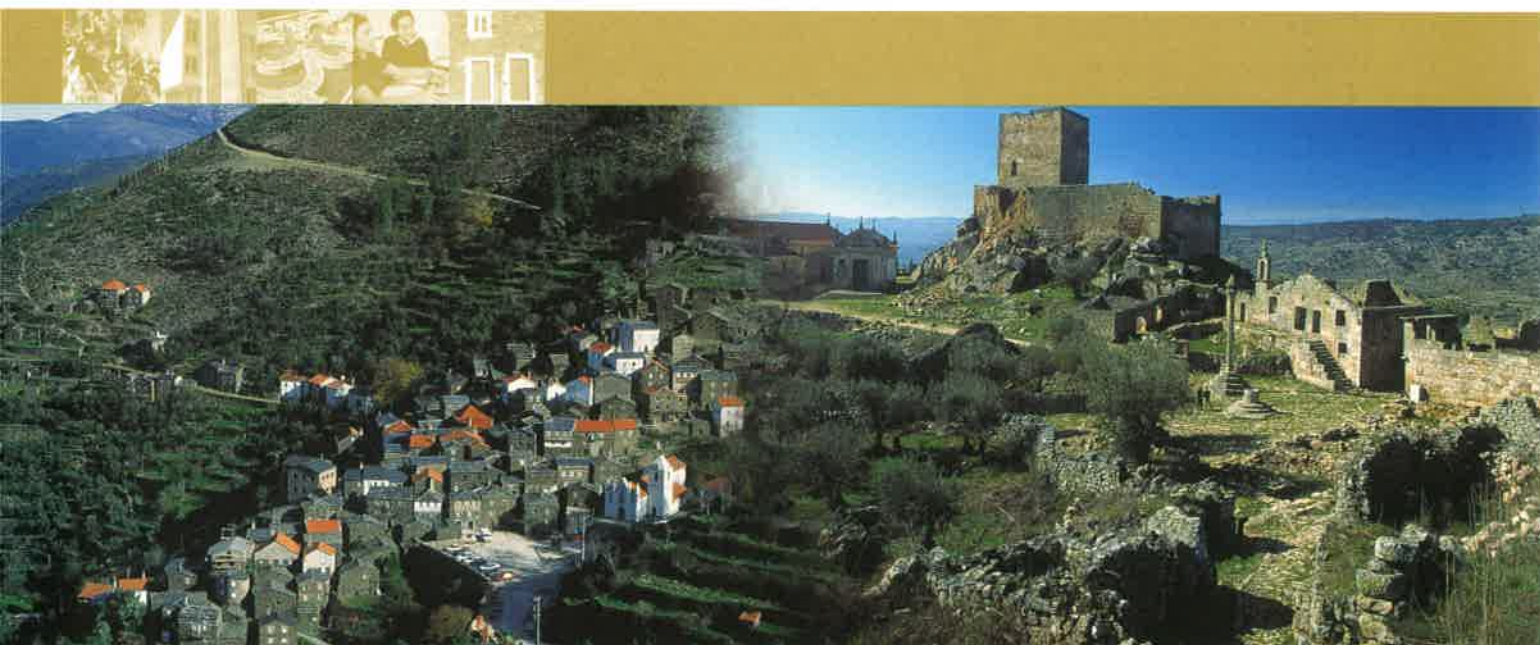
Mas o nome de Portugal é também projectado através de mestres que, da Universidade de Coimbra, partem para outras paragens, onde se afirmam nas suas áreas do saber, como André de Gouveia, Amato Lusitano, António Ribeiro Sanches e, mais recentemente, o *nobel* Egas Moniz.

Ao mesmo tempo vêm grandes mestres da Europa para Coimbra e daqui se distribuem pelo País, contribuindo para que Portugal acompanhe o passo com os avanços científicos e filosóficos da Europa.

Este longo e rico processo histórico originou um valioso património histórico-arquitectónico, com características monumentais, que em boa medida chegou até aos nossos dias, constituindo hoje as marcas mais identificadoras das paisagens culturais.

Na *arquitectura militar* são numerosos os exemplos, que se organizam segundo linhas de defesa: do litoral (Buarcos-Figueira da Foz); do Mondego (Montemor-o-Velho, Penela, Soure, Pombal, Coimbra); da Beira “pré-Tratado de Alcanices” (Guarda, Celorico, Pinhel, Trancoso, Marialva, Belmonte, Monsanto, Segura, Penamacor, Castelo Branco); de Riba-Côa (Sabugal, Almeida, Castelo Rodrigo, Castelo Bom, Alfaiates...).

Na *arquitectura religiosa* destacam-se as sés-catedrais de Coimbra (Sé Velha e Sé Nova), Viseu, Guarda, Castelo Branco e Leiria, os mosteiros da Batalha (classificado pela UNESCO Património da Humanidade), de Santa Cruz e Santa Clara em Coimbra, de Jesus em Aveiro e do Lorvão. Relacionado com uma arquitectura religiosa sublinhe-se a existência de um

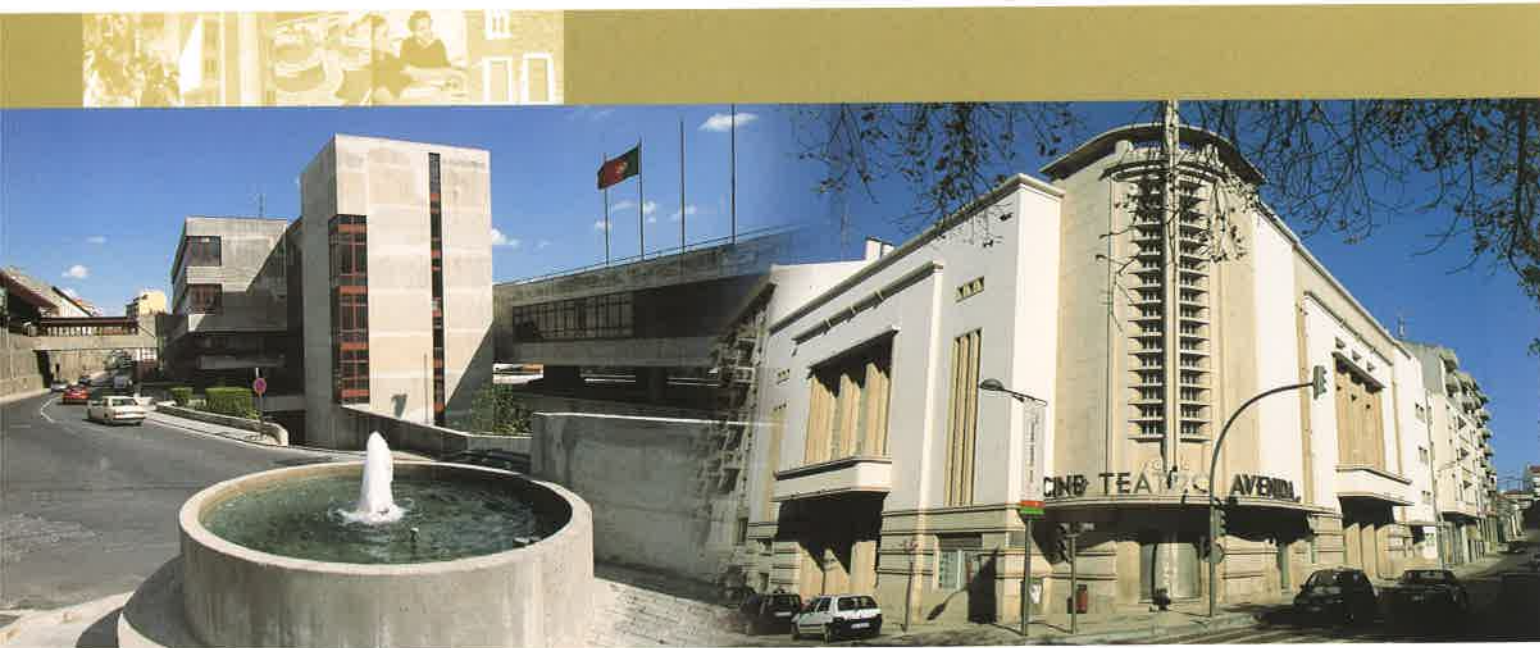


vastíssimo e notável património de obras de estatuária e escultura em geral, que enaltece o valor da arquitectura.

Na *arquitectura civil*, além de destaque natural para os Paços da Universidade de Coimbra, existe um número apreciável de paços e solares em quase todas as cidades e em muitas vilas, alguns dos quais têm hoje funções de natureza pública. Devem ainda incluir-se nestas referências, apenas exemplificativas, inúmeros exemplos de arquitectura de finais do século XIX e inícios do século XX: como a “herança” Korrodi de Leiria e de outros núcleos, as casas de arte nova e *art déco* ainda preservadas em cidades como Aveiro, Ílhavo, Ovar, Águeda, Figueira da Foz e Coimbra, sem esquecer um *ex libris* da Região, o Hotel-Palácio do Buçaco.

Acrescem, decerto, os vários sítios arqueológicos classificados, os bons exemplares de arqueologia industrial, os sítios e conjuntos que fazem parte da história do urbanismo português, desde os núcleos históricos das

principais cidades, à rede (a alargar) de *aldeias históricas*. Muito do espólio que se encontrava neste vasto património monumental, é exposto em permanência ou regularmente na rede de museus, onde têm sido efectuadas importantes acções de modernização e de animação, como nos casos dos Museus Machado Castro (Coimbra), Grão Vasco (Viseu), Tavares Proença Júnior (Castelo Branco). Três menções singulares: ao valioso espólio, com reconhecimento internacional, do Museu da Física da Universidade de Coimbra, ao rigor e modernidade que caracterizam o Museu Arqueológico de Conímbriga e o Museu Marítimo e Regional de Ílhavo. Uma menção geral ao grande número de unidades museológicas, de âmbito temático ou generalista, que povoam a região, por iniciativa de Câmaras Municipais, de empresas e de organizações associativas.



As Identidades de uma Região Multifacetada

É POIS VÁSTA E MULTIFACETADA A HERANÇA, NACIONAL e local, de que participam hoje as populações da Região Centro, na medida em que a identificamos com o País no seu todo e é ao mesmo tempo reclamada por muitas aldeias, vilas e cidades, onde nasceram, viveram e praticaram todas aquelas personalidades, ou onde a Igreja, a Nobreza e o Povo, edificaram obras valiosas que são também referências identitárias.

Mas a(s) identidade(s) desta Região são ainda definidas, e com muita força, na variedade da unidade cultural - nos comer e nos beberes, no apego à terra e ao local, sempre renovado no esforço de valorização do território, nas múltiplas manifestações imateriais, que são o mais forte cimento da coesão social e cultural.

Embora sem uma visibilidade evidente – talvez porque falte o palco de uma grande cidade – a Região Centro observou nos últimos 15 anos profundas transformações, *diluídas* através da sua densa rede de lugares, aldeias, vilas e cidades de pequena e média dimensão. O processo de urbanização foi acelerado e intenso, traduzindo-se na afirmação da cidadania e da urbanidade.

A tal evolução correspondeu um robustecimento não só do Estado – Central e Local – mas também da sociedade civil, cujas acções confluíram na valorização dos recursos endógenos e na atracção de gente, de projectos e de capitais. São vários os casos de territórios sub-regionais ou locais, em que se operou esse tão desejado concurso das forças públicas e privadas, de políticos, empresários e trabalhadores, no sentido de desenvolver redes de



cooperação e de partilha (de problemas e de sucessos) que levaram à riqueza do *capital social* que, nalgumas situações, como por exemplo, nas áreas industriais de Ovar, de Aveiro, de Águeda, da Marinha Grande, de Leiria, representa a mais valiosa herança.

Essas práticas e os tecidos sociais assim entretecidos, já foram estudados e dilucidados, sendo hoje referências para outros territórios da Região, onde a cooperação entre os vários actores já não é figura de retórica, assim se explicando, por um lado, o grande número de casos de sucesso, traduzidos na criação de riqueza acompanhada pela elevação do bem-estar social e, por outro lado, a capacidade para ultrapassar crises e provações, que também têm acidentado este percurso que, no caso da Região Centro, se tem desenvolvido de forma aparentemente linear.

O grande dinamismo industrial, a partir de diferentes unidades territoriais, é uma das manifestações da construção de identidades renovadas na Região Centro.

Os espaços industriais da Região têm expressado um dinamismo considerável no contexto da indústria portuguesa, embora com desigualdades no que diz respeito ao tecido empresarial, à especialização produtiva e à dinâmica exportadora. Segundo José Reis (1998), podem identificar-se quatro áreas industriais dominantes na Região Centro: Litoral-Norte (principais concelhos do distrito de Aveiro), Litoral-Sul (faixa Figueira da Foz-Porto de Mós com um núcleo exterior em Coimbra), Centro-Norte (eixo Arganil-Mangualde) e Interior (eixo Guarda-Castelo Branco).

O Litoral-Norte apresenta uma forte especialização industrial na fileira metalomecânica e uma acentuada vocação exportadora, alicerçando-se em áreas como Águeda e Oliveira de Azeméis (esta já na Região Norte), caracterizadas por uma forte densidade de pequenas e médias empresas de raiz endógena e pela partilha de uma cultura técnica comum numa “atmosfera” de concorrência/cooperação entre os agentes empresariais. A especialização no ramo da cerâmica (porcelana, faiança, grés e olaria) sobressai nos concelhos de Aveiro e Ílhavo, marcados por um povoamento complexo e por formas de urbanização e industrialização difusas, onde ocorre o desenvolvimento de estratégias de pluriactividade agricultura-indústria.

O Litoral-Sul apresenta uma especialização industrial menos acentuada e uma maior descontinuidade geográfica. O eixo Leiria-Marinha Grande sobressai, no entanto, no mapa industrial desta área pela especialização na indústria dos moldes. As formas de relação inter-empresarial assemelham-se às de um “distrito industrial” num contexto de grande importância da inovação tecnológica.

A área industrial do Centro-Norte tem beneficiado do incremento dos níveis de acessibilidade e da sua posição de charmeira entre o Litoral e o Interior da região. A expansão recente da indústria, embora ainda não configure um sistema produtivo local pelo significado modesto de formas de divisão do trabalho, tem vindo a robustecer a teia de ligações e interdependências entre os vários actores sociais, pelo que já se observam sinais de afirmação de uma personalidade económica de base territorial.

Finalmente, a área industrial do Interior também expressa uma capacidade considerável à escala da região, decorrente de especializações no ramo têxtil em áreas de industrialização antiga e de novos dinamismos, como o de Castelo Branco. A afirmação do eixo urbano-industrial Castelo Branco-Covilhã-Guarda, apesar das rivalidades tradicionais, vai ganhando coerência e coesão, tanto no plano das organizações empresariais, como no do mercado de trabalho. A identificação dos agentes económicos com essa realidade em construção é hoje um processo em vias de consolidação.

A Valorização do Capital Humano

A JUVENTUDE DA POPULAÇÃO, BEM COMO A CRESCENTE busca de valorização através do sistema de aprendizagem instalado, com destaque para as universidades e institutos politécnicos, que cobrem de forma equilibrada o território, constituem uma esperança para a Região.

No início do século XXI, 75.876 alunos (38% da população entre os 18 e os 25 anos) frequentam estabelecimentos de ensino superior. Este valor representa o principal recurso disponível e um grande capital de esperança.



Neste contexto, é ainda de assinalar a diversificação e o equilíbrio na distribuição dos estudantes por um vasto leque de domínios científicos, tecnológicos e artísticos, o que permitirá responder às procuras inerentes a um processo de desenvolvimento integrado e sustentado.

Daquela total de alunos a grande maioria (89%) frequenta estabelecimentos de ensino público (universidades e politécnicos). As áreas de ensino com maior expressão quantitativa são: as *Engenharias e Técnicas Afins* (16% do total), o *Comércio e Administração* (15,8%), a *Formação de Professores e Ciências da Educação* (15%), a *Saúde* (8,8%), a *Arquitectura e Construção* (7,1%), as *Ciências Sociais* (6,2%), as *Letras* (4,8%) e o *Direito* (4,6%). Têm ainda uma presença significativa as *Artes*, as *Ciências Exactas*, a *Agricultura* e a *Silvicultura*.

A diminuição da procura, que já se começa a sentir como resultado do declínio demográfico nos estratos etários em idade estudantil, tende a ser

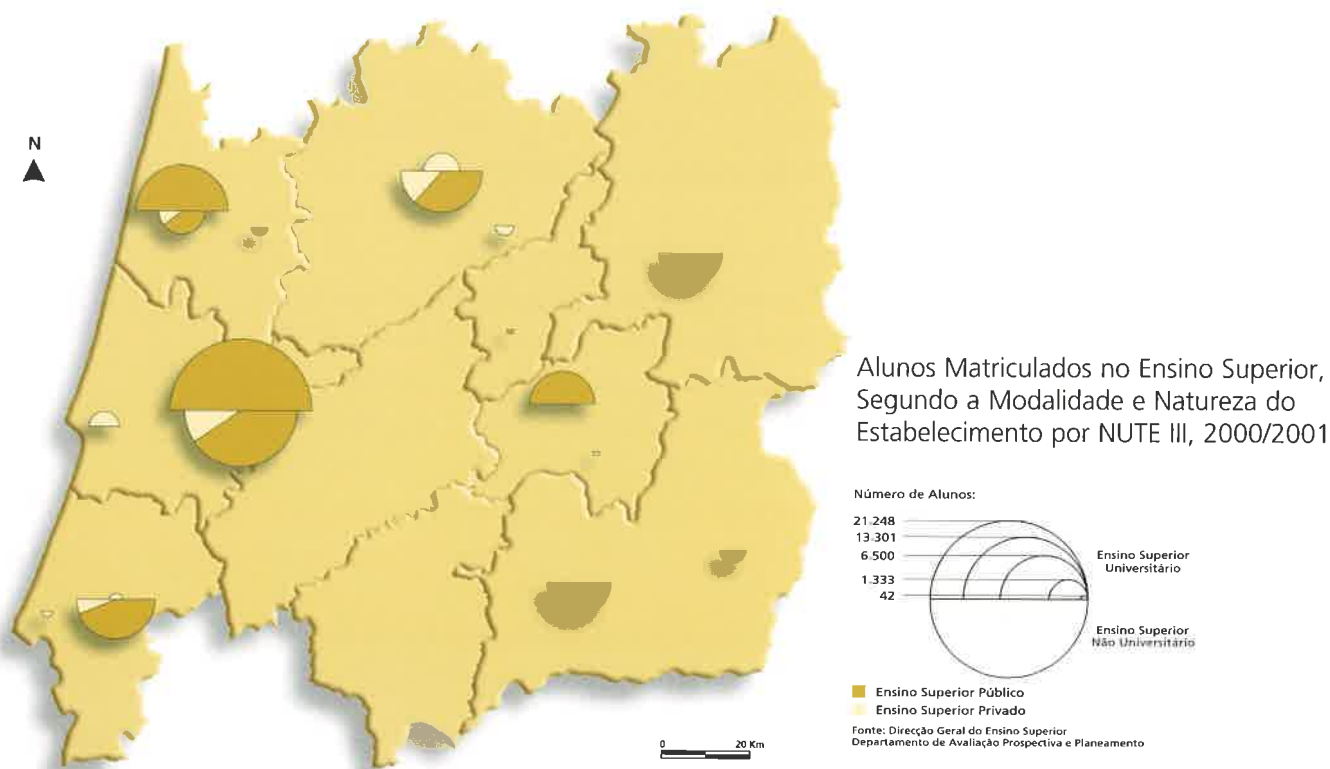
compensada com o aumento dos cursos de pós-graduação, bem como com a oferta de novas formas de ensino que respondem às necessidades dos novos tempos em que é desejável uma aprendizagem ao longo da vida.

A grande diversificação da oferta do ensino superior pode constituir-se como a resposta adequada às necessidades da base económica regional, caracterizada precisamente pela sua diversidade e com perspectivas de afirmação não só nos sectores bem enraizados na Região, como ainda em domínios emergentes.

Todavia, existem áreas do conhecimento e das aplicações que, pela tradição, pelos saberes e práticas acumulados, bem como pelas tendências de evolução global da sociedade, merecem um destaque, quer enquanto realidades detectadas, quer enquanto possíveis apostas a realizar. Neste contexto, assumem particular importância as ciências da vida e da saúde, presentes nas universidades de Coimbra, da Beira Interior e de Aveiro, bem como em vários institutos politécnicos.

Também os vários domínios das engenharias têm vindo a expandir-se em número de licenciados, mestres e doutores, bem como na abertura a áreas de intervenção inovadoras, em que se destacam o ambiente e as tecnologias da informação e da comunicação.

Naturalmente que a estes progressos corresponde um crescimento da investigação científica, pura e aplicada, traduzida na criação de novos centros de investigação e na valorização dos existentes. O aumento do número de projectos de investigação, em exclusividade ou em parceria com unidades de investigação, nacionais e estrangeiras, constitui o melhor



O Instituto Pedro Nunes

O Instituto Pedro Nunes (IPN) – Associação para a Inovação e Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia, constitui um excelente exemplo de uma instituição de convergência de múltiplos parceiros com o objectivo comum de promoção da investigação e do desenvolvimento.

Fundado em 1991, a partir de uma iniciativa da Universidade de Coimbra, o IPN constituiu-se como uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, sediada em Coimbra. Entre os cerca de 40 associados, contam-se, além da Universidade e do Instituto Politécnico de Coimbra, vários laboratórios do Estado, associações empresariais, empresas (locais, regionais, nacionais, e internacionais), a Caixa Geral de Depósitos, a Fundação Luso-Americana, a Associação Nacional dos Jovens Empresários e a Câmara Municipal de Coimbra.

O IPN estabeleceu como prioridade a transferência de tecnologia do sistema de investigação para o tecido empresarial, quer através dos seus próprios recursos tecnológicos, quer funcionando como “interface entre laboratórios e investigadores dos seus associados ligados ao sistema científico e tecnológico e ao sector produtivo.”

Além de um conjunto de serviços de apoio (Financeiro, Comunicação e Marketing, Qualidade, Propriedade Intelectual e Industrial), o IPN tem cinco laboratórios, uma Incubadora de Empresas e um Departamento de Formação. Os laboratórios fazem investigação e prestam serviços nos seguintes domínios: caracterização e certificação de materiais granulares, automática e telecomunicações, electroanálise e corrosão, ensaio e desgaste de materiais, informática e sistemas.

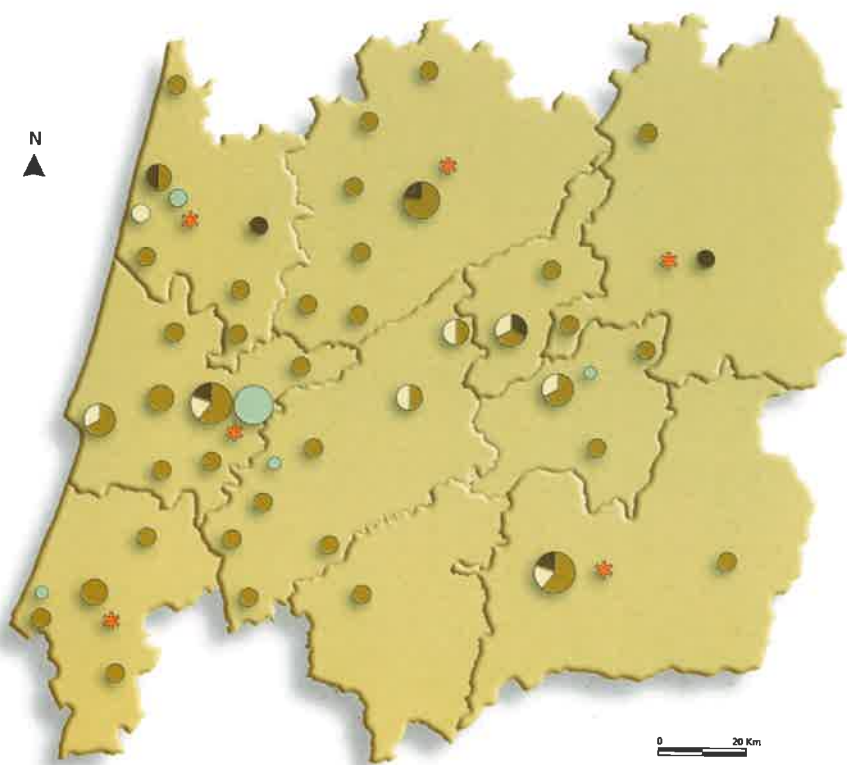
A incubadora de empresas tem como finalidade a criação e robustecimento de empresas, o que se traduz no apoio a ideias inovadoras e de base tecnológica. Actualmente estão instaladas duas dezenas de empresas de vários domínios, da antropologia à biotecnologia e à informática. Algumas dessas empresas já têm uma projecção internacional, constituindo casos de grande sucesso, representando a imagem de marca do Instituto Pedro Nunes.

indicador dos avanços que se têm feito.

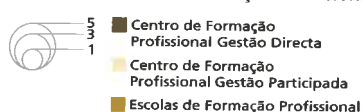
Encontram-se em curso na Região Centro cerca de meio milhar de projectos de investigação com apoio financeiro do Ministério da Ciência e da Tecnologia. As universidades de Coimbra e de Aveiro acolhem a grande maioria, o que está de acordo com a maior capacidade instalada em centros de investigação, que cobrem também um leque muito amplo de domínios científicos. No entanto, tem ainda expressão o número de projectos em curso na Universidade da Beira Interior e noutros estabelecimentos de ensino superior da Região.

Por áreas científicas, as mais representadas são as das *Ciências e Engenharia dos Materiais*, as *Ciências da Saúde* e a *Engenharia Electrotécnica e Informática*, cada área com mais de quatro dezenas de projectos. Têm ainda uma dimensão expressiva as *Ciências Sociais*, a *Física*, a *Matemática*, as *Ciências da Terra e do Espaço*, a *Química*, a *Biologia* e as *Ciências Agrárias e Florestais*.

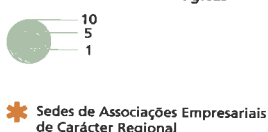
Projectos de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico por Área Científica



Estabelecimentos de Formação Profissional



Infra-estruturas Tecnológicas



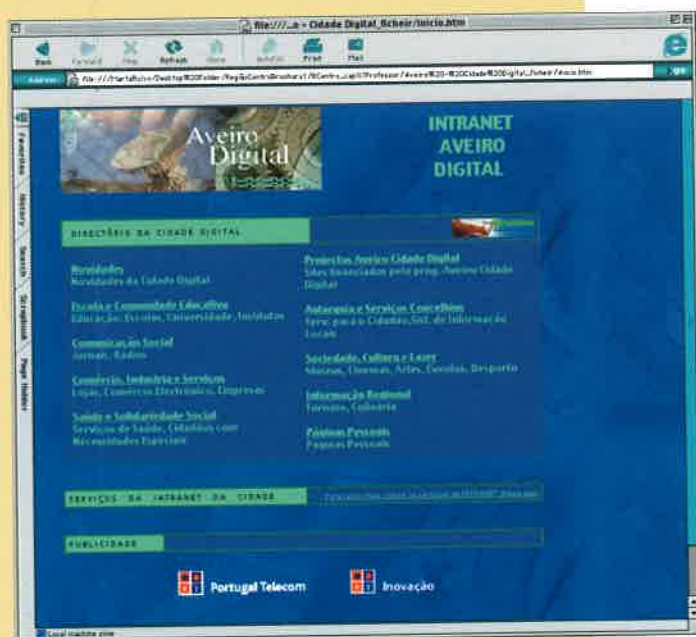
AVEIRO – uma cidade na era digital

A Região Centro tem várias cidades na rede das cidades digitais, mas é em Aveiro que a iniciativa teve até agora o melhor acolhimento, o que se deve decerto à “tradição” já existente e que se tem fundamentado em dois pólos: a Universidade de Aveiro e a PT Inovação, centro de investigação e inovação da Portugal Telecom, em geral com o apoio da Câmara Municipal.

Dos vários projectos de Aveiro-Digital, elegemos o SICATE – Sistema de Informação e Comunicação de Apoio ao Tecido Empresarial, promovido pela Associação Industrial do Distrito de Aveiro, com o apoio da Câmara Municipal, PT Inovação e Universidade de Aveiro. Note-se que a concepção do SICATE se deve à NETUAL, um caso típico de empresa inovadora, nascida do interface Universidade-PT Inovação.

O objectivo do SICATE é “colocar à disposição das empresas as tecnologias de informação e de comunicação, que lhes permitam adoptar uma estratégia empresarial assente numa óptica global.”.

Dos cinco domínios, destacam-se: o Aveiro Invest que dispõe de informação pertinente sobre o distrito e os seus 19 concelhos; informação relativa à localização de empresas e aos incentivos ao investimento; o Aveiro Expo, onde se apresentam as empresas, segundo a classificação da CAE; e o Oportunidades de Negócios, onde se noticiam contactos solicitados ou negócios em perspectiva.



O Renascer das Actividades Culturais

A COMPONENTE CULTURAL DO PROCESSO de desenvolvimento não tem sido esquecida e a falta do ambiente das grandes metrópoles tem sido superado com uma multiplicação de iniciativas nos vários domínios culturais.

No que respeita às artes, a criação de instituições de ensino superior neste campo tem sido decisiva para o impulso que se verificou. Mas existe ainda um certo número de iniciativas localizadas, que partiram de indivíduos e instituições e que ganham projecção nacional e até internacional. A Associa-



ção Académica de Coimbra tem funcionado como uma verdadeira incubadora de estruturas e projectos de qualidade, como o Círculo de Artes Plásticas, com actividades múltiplas, da formação à produção de exposições. Também no domínio das artes plásticas um destaque para os Encontros de Fotografia de Coimbra, que não só têm trazido a esta cidade os maiores nomes da fotografia mundial e exposições das respectivas obras, como permitiram a acumulação de um precioso património que, espera-se, venha a ter o enquadramento institucional condizente.

A pintura, a escultura e a fotografia estão ainda presentes em muitos outros lugares da Região, tanto por iniciativas públicas como privadas. Leiria, Figueira da Foz, Cantanhede, Aveiro, Águeda, Viseu, Coimbra, Guarda, Castelo Branco, Covilhã, Idanha-a-Nova, Marinha Grande, são alguns exemplos de municípios activos no apoio a exposições. Nalgumas delas existe já uma actividade de galerias que vão consolidando o mercado, apoiado em coleccionadores locais.

Uma referência ainda a dois festivais de cinema: o de Seia, centrado nas temáticas do ambiente, e o da Figueira da Foz, um clássico, entre os festivais de cinema que se realizam em Portugal.

Na música assinala-se a existência de um agrupamento sinfónico, a Filarmonia das Beiras, de que se espera uma acção pedagógica, além de que deve ser a base de intercâmbios inter-regionais e internacionais, de que carece a Região Centro que, entretanto, dispõe ou disporá, no curto prazo, de várias infra-estruturas de acolhimento adequado nas principais cidades. De realçar o contributo que o ensino qualificado na área da música dá, não só para a formação de um público qualificado, como na constituição de agrupamentos. Com estatutos diversos, assinalam-se alguns exemplos a



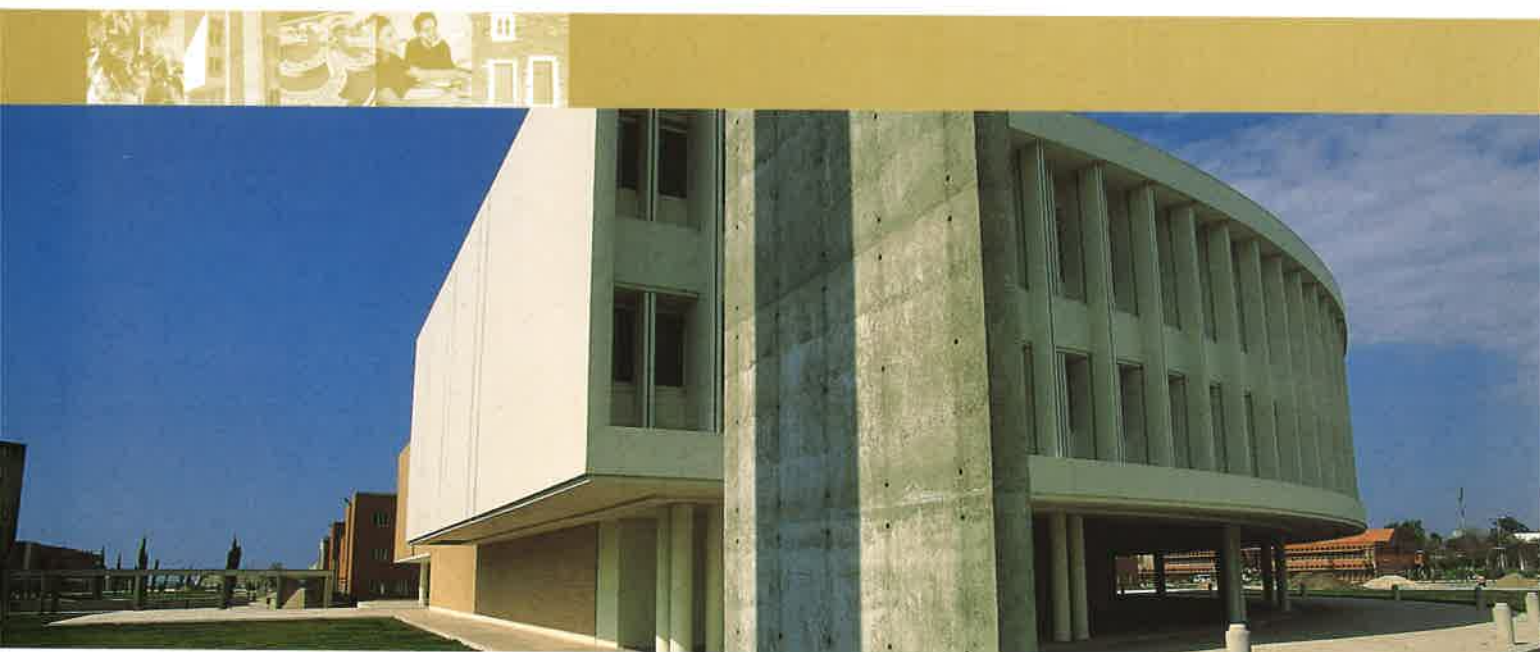
reter: Conservatórios de Música de Coimbra, Aveiro, Leiria, Viseu e Castelo Branco, a Associação Papagueno em Coimbra e a Academia de Música e Dança do Fundão. Merece ainda referência o alento recentemente assumido pela Orquestra de Câmara de Coimbra.

Uma menção particular para a iniciativa inovadora da pianista Maria João Pires, o Centro de Belgais, onde se promove o desempenho e o ensino, desde as classes infantis, até ao mais alto nível internacional.

Assim, naturalmente, tendem a crescer as iniciativas de festivais de música, a juntar aos já “clássicos” que se realizam em Coimbra, Aveiro, Leiria e Castelo Branco. Note-se ainda que alguns dos artistas ou agrupamentos de música popular com maior audiência em Portugal são oriundos da Região Centro como, por exemplo: Né Ladeiras, Brigada Vitor Jara, Belle Chase Hotel, Silence Four...

A Dança, nomeadamente a contemporânea, está presente na Região através da Companhia de Paulo Ribeiro, em Viseu, da Companhia de Dança de Aveiro e do Ballet Contemporâneo do Norte, em Estarreja, a que crescem outras iniciativas, como a da Academia de Música e Dança do Fundão.

Ainda no que concerne às artes do espectáculo, o Teatro apresenta também uma distribuição regular, quer pela actividade das companhias profissionais e amadoras, quer pelo número razoável de festivais. Este facto está associado à tradição do teatro e ao papel difusor que Coimbra e a sua Universidade tiveram desde há muito, cabendo aqui uma referência ao grande mestre e pedagogo que foi o Professor Paulo Quintela e aos teatros universitários TEUC e CITAC.



Actualmente têm lugar na Região Centro sete festivais de teatro profissional, em Montemor-o-Velho, Covilhã, Guarda, Montemuro, Tondela, Pombal e Estarreja. Estão ainda sediadas cerca de uma dezena de companhias profissionais, em Coimbra, Aveiro, Covilhã, Leiria, Estarreja, Tondela e Castro Daire (Campo Benfeito). Uma palavra de realce para esta última, talvez a única companhia de teatro profissional, com elevada qualidade já demonstrada em palcos exigentes, instalada numa aldeia das mais recônditas do interior.

Se esta “dispersão” tem vantagens, nomeadamente a de “equilibrar” os espaços regionais, por outro lado, gera problemas de afirmação e fidelização de públicos, tanto para o exterior, como no interior da Região e, sobretudo, dificuldade de interacção entre as várias companhias. Iniciativas como a da criação do Centro Regional de Artes do Espectáculo, em Viseu, podem também contribuir para a integração, coordenação e promoção dos espaços culturais da Região.

Mas é no universo das artes visuais que a escala urbana pode ser mais decisiva. É assim que muitos artistas plásticos, que nasceram e estudaram na Região, acabam por fazer carreiras notáveis nas duas maiores cidades do País e no estrangeiro.

Entretanto, o aparecimento de colecções públicas de arte moderna, bem como a fundação de galerias de arte comerciais, são sinais de que a situação está a melhorar, o que se deverá não só ao desenvolvimento económico e social, mas também à crescente integração, em rede, dos vários centros urbanos.

Até agora muitas iniciativas no domínio da valorização do capital humano e social só têm sido possíveis pela forte intervenção de capitais públicos



(Municípios, Estado, União Europeia). Mas são cada dia em maior número os sinais de mudança e a sociedade civil tem em mãos muitas iniciativas de parceria com o Estado (local ou nacional). Neste âmbito é de assinalar o papel de charneira, de facilitador, mas também de impulsionador, que tem cabido às instituições de ensino superior, com realce, naturalmente, para as Universidades de Coimbra, de Aveiro e da Beira Interior.

Nos três casos existem instituições de interface entre a Universidade e o mundo empresarial, que permitem não só adequar melhor o desempenho universitário às necessidades do tecido empresarial, como gerar sinergias nos âmbitos da investigação e da aplicação.

Esta articulação é muitas vezes mediada pelas associações empresariais que, ao nível sub-regional, têm vindo a desempenhar um papel interessante no sentido da modernização do tecido económico. Noutros casos, a colaboração é feita directamente com as empresas, existindo um número significativo de protocolos universidade-empresa, cujos resultados já se manifestam.



Região Centro



A REGIÃO CENTRO TEM UMA BASE ECONÓMICA robusta e diversificada, representando, em 1999, 13,4% do PIB nacional e 16,4% do emprego. A indústria transformadora, com 27% do VAB regional e 22% do emprego, é a principal actividade económica. Recorrendo aos mesmos indicadores, seguem-se, por ordem de pesos relativos, o comércio (13,4% e 14,4%, respectivamente), as actividades imobiliárias e serviços às empresas (10,3% e 2,5%) e a educação (9,2% e 6,3%). Na sua totalidade, o sector terciário representa perto de 60% do VAB regional.

Como tem acontecido para o conjunto do País, a agricultura tem vindo a declinar, tanto no valor acrescentado como, embora a um ritmo mais lento, na população activa. A agricultura tem funcionado como uma “almofada” no



processo de reestruturação da economia nacional e regional, mantendo um peso muito elevado na ocupação da mão-de-obra, quando comparada com outros sectores de actividade: na Região Centro representa cerca de 18% do emprego, para apenas 5% do VAB.

Nos últimos decénios a Região Centro tem-se afirmado como espaço de inovação e desenvolvimento, em particular em domínios da indústria transformadora. Assim, o crescimento da actividade industrial na Região foi quantitativo e qualitativo.

Se é patente a introdução de novos domínios, em que se destacam as telecomunicações, as novas tecnologias da informação e, em certa medida, as componentes para a indústria automóvel, foi em sectores com mais ou menos longa tradição no espaço regional que se observaram os maiores saltos qualitativos do domínio da inovação, tanto dos produtos como dos processos. Neste particular, devem ter destaque as indústrias da cerâmica e

dos moldes, domínios em que, por via das actividades sediadas na Região, Portugal tem uma clara capacidade competitiva, ao nível europeu e ao nível mundial.

Embora representada por uma só empresa, a *Labesfal*, de Campo de Besteiros (Tondela), a indústria farmacêutica tem aqui uma marca de qualidade na Região. A *Labesfal* é ainda uma das empresas com significativos investimentos no estrangeiro.

Outras indústrias tradicionais, como o têxtil, os plásticos, as madeiras e o vestuário, também se têm afirmado nos planos nacional e internacional, como corolário dos investimentos que proporcionaram inovações notáveis, quer tecnológicas, quer organizativas.



Não se deve esquecer ainda o esforço de modernização que tem sido levado a cabo por parte de outras indústrias, que só assim permanecem activas, por vezes com boa robustez, no mercado. Estão neste caso as derivadas da madeira, tanto os aglomerados, como a pasta para papel, onde o capital internacional continua a ser relevante.

Situação afim, embora mais diversificada e complexa, é a das indústrias alimentares, com longa e afirmada tradição regional e que, apesar de grandes dificuldades ao longo do processo de reestruturação económica que se tem desenrolado no último quarto de século, ainda mantém um conjunto de unidades de grande projecção na economia regional, em domínios tão diversos como as moagens e produção de derivados dos cereais, os produtos lácteos, o vinho, o pescado e os alimentos congelados, com ou sem pré-preparação.

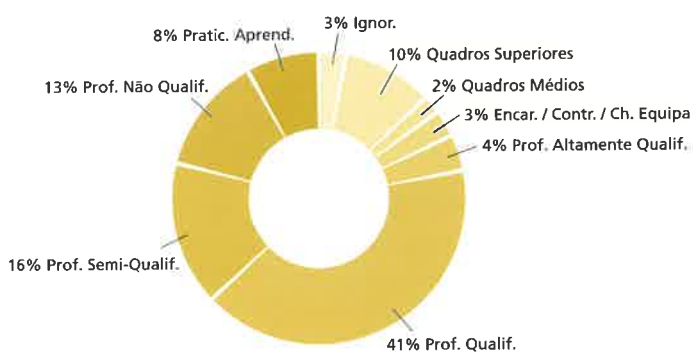
No “diagnóstico prospectivo”, elaborado pela Comissão de Coordenação da

Região Centro em 1999, a economia da Região é dinamicamente descrita segundo quatro conjuntos de actividades: 1) inseridas em dinâmicas competitivas globais; 2) tradicionais em crise ou em risco; 3) “as promessas” ou actividades emergentes; 4) agricultura, silvicultura e pecuária.

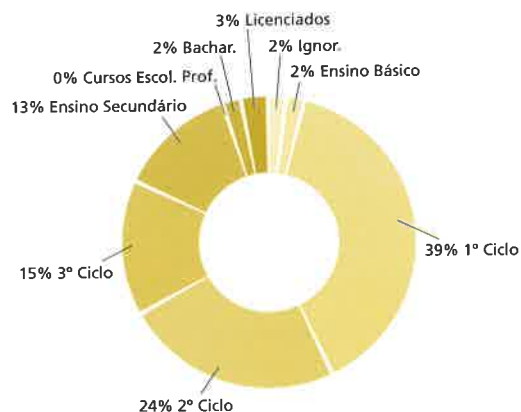
No primeiro conjunto encontram-se as actividades tradicionais que têm actualizado continuamente o seu potencial competitivo, aproveitando as oportunidades da globalização e da “europeização” (cerâmicas, madeira e papel, vestuário), e as actividades nascidas ou consolidadas com o processo de reestruturação do último quarto de século (moldes, componentes para automóveis, material eléctrico e produtos metálicos).



Pessoas ao serviço na Região Centro, segundo o nível de qualificação



Pessoas ao serviço na Região Centro, segundo o grau de instrução



Das actividades tradicionais em crise, relevam-se os lanifícios e o vidro, com problemas cíclicos e com uma grande diferenciação no interior de cada sector. Assim, algumas unidades da indústria vidreira (embalagem e decorativa) revelam robustez e boas perspectivas, enquanto outras permanecem muito sensíveis às mais ligeiras perturbações do mercado. Entre as actividades “em risco”, além da “fileira da madeira” e das “químicas industriais”, referidas no citado estudo, devem englobar-se também os produtos metálicos, o vestuário e os produtos alimentares.

As actividades emergentes situam-se em todos os sectores, embora o maior número venha da área dos serviços, espelhando a diversidade do sector:

- O ensino, a investigação e desenvolvimento e a saúde, são domínios enraizados e que têm excelentes condições para se afirmarem enquanto actividades exportadoras, para o resto do País e para o estrangeiro. Por outro lado, estes dois grandes conjuntos de actividades de serviços, com muito forte componente pública, têm revelado uma grande capacidade indutora para outras áreas dos serviços e também para a indústria

Critical Software – um emblema do Instituto *Pedro Nunes*

Trata-se de uma empresa spin-off, fundada no seio da incubadora do IPN em Coimbra, em 1998. O mercado alvo são empresas que necessitam de “sistemas de informação críticos”, exigindo elevada precisão e confiabilidade, em domínios como a defesa, a indústria aeroespacial, transportes, banca, seguros, administração pública e indústria de laboração contínua.

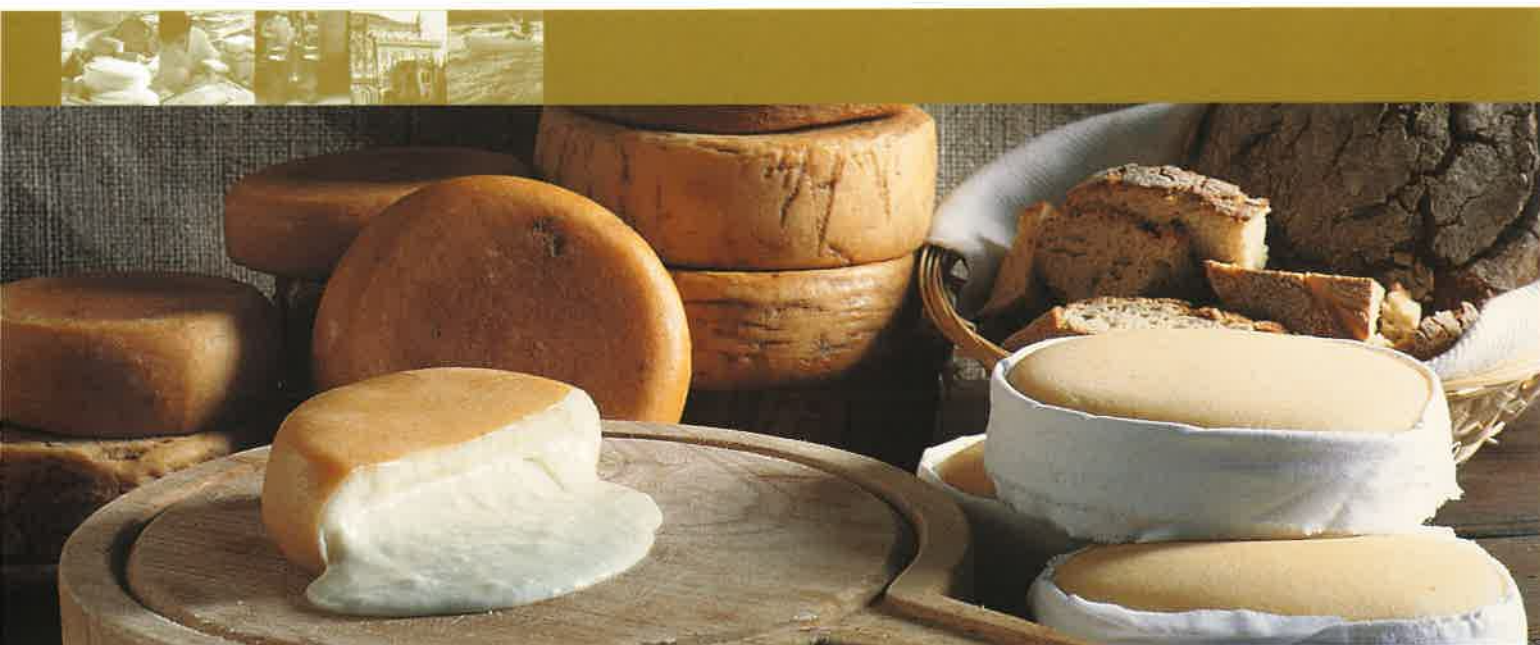
O produto de referência da Critical Software é o Xception, software para “teste avançado e validação de sistemas críticos com aplicação em vários sectores”, e com utilizadores como a NASA Jet Propulsion Lab e a Cisco. Outros produtos consagrados são o WMPI – Middleware, para computação de elevado desempenho, e o IMOGEO – Gestão de Inventário e Equipamento de 3ª. Geração.

A Critical Software já tem mais de meia centena de colaboradores, um escritório na Califórnia e faz parte de redes internacionais de I&D de excelência. Entre os seus parceiros encontram-se empresas e centros de investigação tão importantes como a Microsoft, a British Aerospace, a NASA, a Oracle, a Siemens, o CNRS e universidades – Coimbra, Chalmers, Técnica de Valência, Friedrich-Alexander.

transformadora. Ancoradas nas cidades universitárias, é crescente a articulação com o mercado empresarial.

- O turismo, na sua multiplicidade de segmentos de mercado, é um domínio da economia regional com excelentes perspectivas, cuja emergência qualitativa e quantitativa é já evidente, tanto no litoral como no interior, quer do lado da procura, quer do lado da oferta.
- A localização e o recente progresso nas infra-estruturas de transportes e de comunicação, associados à internacionalização da base produtiva, conferem às actividades da logística um potencial interessante, que de resto já está a ser explorado da melhor forma por empresas da Região.

Entre outras empresas, que têm surgido de novo ou têm feito um esforço de



modernização, uma referência especial para a *Patinter*, empresa de transportes sediada em Mangualde, com uma frota de mais de um milhar de veículos pesados, o que lhe confere um lugar de relevo na logística da Península Ibérica.

Também nas actividades extractivas existem boas perspectivas na Região Centro, com destaque para as rochas ornamentais (granitos) e para as águas de mesa, um ramo em expansão e que pode gerar sinergias com o termalismo.

A água é, a todos os níveis e em todas as latitudes, um elemento estratégico para o desenvolvimento. Pela sua abundância e multivalência na Região Centro, a água constitui um valor-chave para o desenvolvimento regional e um contributo decisivo do Centro para o bem-estar do País.

A pluralidade das reservas aquáticas da Região Centro traduz-se nas importantes barragens, essenciais para o crescimento da agricultura, da indústria e do turismo regionais, bem como para o abastecimento público, da

população da Região e das regiões confinantes.

As águas engarrafadas têm um peso expressivo na economia regional, que explora mais de 50% das águas minerais e cerca de 75% das águas de nascente, embaladas em Portugal.

Embora em declínio, no emprego e no peso relativo no VAB regional, as actividades da agricultura, pecuária e silvicultura têm uma expressão relevante no contexto nacional. Por outro lado, a sua dimensão económica e social e as sinergias que pode gerar, conferem-lhes um valor estratégico fundamental.

Apesar de necessitar de uma reconversão arrojada, a floresta pesa na economia da Região e das famílias, possibilitando a competitividade de



indústrias correlativas. A produção da pecuária, de qualidade e em quantidade, suporta o sector dos lacticínios, tanto na vertente industrial (leite de vaca), como na artesanal (queijo de ovelha e de cabra).

O vinho, o azeite e as frutas, são complementos muito valorizados, cujos elevados padrões de qualidade proporcionam as melhores perspectivas de futuro.

Um aspecto importante da economia da Região Centro reside na sua crescente internacionalização, que tem vindo a registar diferentes formas e intensidades, alargando-se a praticamente todos os sectores da vida económica da Região.

Se, por um lado, se observou um expressivo processo de internacionalização, por via da penetração de investimento estrangeiro, nomeadamente nas indústrias transformadoras, por outro lado, tem vindo a crescer o investimento de empresários regionais noutros países, quer da União Europeia, quer terceiros. Empresas de ramos como o das Cerâmicas, dos

Moldes, dos componentes para automóveis e madeiras, têm hoje expressivos investimentos no exterior.

É num tal contexto que, as trocas comerciais com o exterior têm vindo a crescer, afirmando a competitividade da economia regional, mormente nas indústrias transformadoras acima referenciadas.

Por razões diversas, mas convergentes na ideia de que existem actividades económicas com boas perspectivas no desenvolvimento regional, destacamos alguns conjuntos – pela tradição e saber-fazer associados à inovação, pelos recursos disponíveis, pelas tecnologias avançadas, pelo poder integrador, pelo elevado nível de competitividade em mercados internacionais.



A Cerâmica

A REGIÃO CENTRO, COM UMA LONGA TRADIÇÃO neste domínio que remonta aos tempos pré-históricos e que durante o Império Romano teve um grande progresso, tem hoje na indústria cerâmica não só uma das principais fontes de riqueza, como uma actividade industrial de grande desenvolvimento tecnológico.

Qualquer dos ramos em que se subdivide a indústria cerâmica, louças utilitárias e decorativas, cerâmica estrutural, cerâmica de pavimentos e cerâmica sanitária, tem uma expressiva representação na Região Centro, quer em quantidade quer em qualidade. Em fase experimental na Região, encontra-se a cerâmica técnica, o domínio de ponta no sector.

O grande surto que a construção civil observou em Portugal nos dois últimos decénios constituiu uma poderosa alavanca para a modernização das empresas produtoras de cerâmica estrutural, o que significou o aumento da produção, da variedade e da qualidade dos produtos. No

entanto, existe uma forte concorrência por parte de empresas espanholas que, todavia, não constituem ameaça para as empresas que investiram na actualização tecnológica e melhoraram o desempenho organizativo. A distribuição regional da produção concentra-se na orla sedimentar, de Leiria a Aveiro, embora existam também unidades no interior, algumas bem dimensionadas e com bom comportamento, em espaços que correspondem a pequenas bacias sedimentares, onde a matéria-prima esteve na origem da sua implantação, casos de Mortágua, Coja ou Cova da Beira.

Nas louças utilitárias e decorativas, a Região Centro tem uma posição liderante no País e projecção internacional, pela qualidade, variedade e

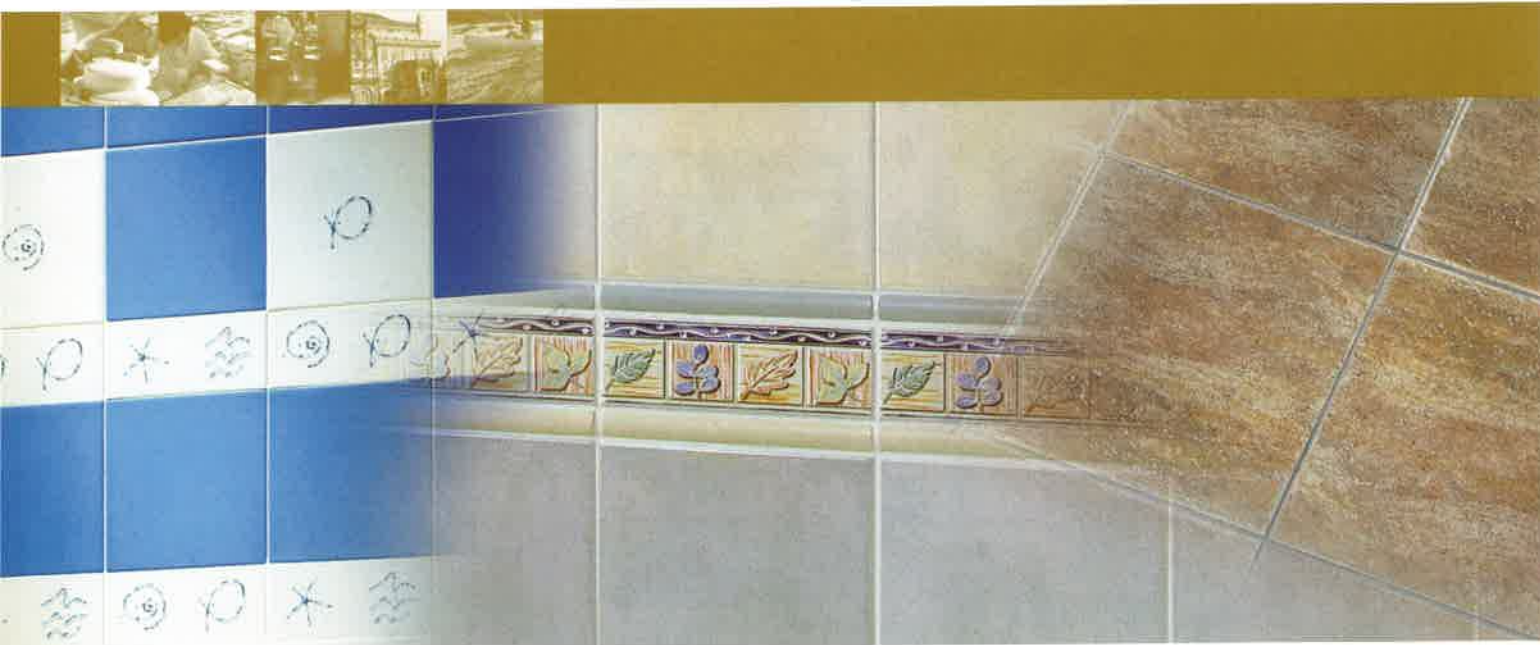


contínua actualização da oferta. Apesar da forte concorrência internacional, nomeadamente dos produtores asiáticos, quer a porcelana quer a faiança, têm-se mantido competitivas, mercê da qualidade e do prestígio internacional que alcançaram.

No caso das porcelanas existe um número razoável de empresas tecnologicamente avançadas, combinando no produto a tradição com a modernidade, o que permite manter e estimular a procura. A *Fábrica de Porcelana da Vista Alegre*, fundada em 1876, é uma referência emblemática; ainda na área de Aveiro a *Porcelanas da Costa Verde* em Vagos, fundada em 1992, e a *Porcelanas da Quinta Nova* em Ílhavo, fundada em 1979, são exemplos da continuidade e actualização da indústria, que em qualquer dos casos já conquistou uma interessante quota no mercado internacional. Mais a sul, no concelho da Batalha, numa mancha que se estende para o concelho de Alcobaça, uma menção especial para a *Faiart – Faianças e Porcelanas*, fundada em 1991.

As *faianças*, embora tenham o centro de gravidade e maior tradição nos concelhos de Alcobaça e de Caldas da Rainha, estão também representadas na Região Centro através de várias unidades, que se localizam ao longo de toda a faixa litoral, da Batalha a Águeda e a Aveiro. Destas, as maiores unidades estão em Aradas, próximo de Aveiro: *Faianças de Capôa* e *Faianças Primagera*.

A produção de *louças de grés* registou um crescimento interessante nos anos 1990, com uma forte componente exportadora que, em várias empresas, ultrapassa os 90% do produto total. Aveiro-Oliveira do Bairro-Águeda, representam o eixo onde se localizam algumas das maiores fábricas, como por exemplo, a *Barbotina* (Oliveira do Bairro), a *Cerexport* (Aveiro) ou a *Gresval* (Águeda). Verificou-se também uma “difusão” para o interior, sendo de



assinalar duas fábricas orientadas quase exclusivamente para a exportação: a *Cerinal* (Mortágua) e a *Cerutil* (Sátão).

Também a produção de louça e cerâmica utilitária em *terracota* tem uma presença interessante na Região, com as melhores unidades a conseguirem boa implantação nos mercados externos. Porto de Mós, Batalha e Águeda são os concelhos onde esta actividade tem maior expressão, destacando-se, pela dimensão, a *Val do Sol Cerâmicas* (Juncal, Porto de Mós).

A *cerâmica de pavimentos* é não só uma das indústrias com maior potencial exportador, como uma das mais avançadas tecnologicamente. Num mercado altamente competitivo algumas empresas têm conseguido desempenhos excelentes nos mercados externos mais exigentes.

A *Novigrés*, a *Cinca* (com várias fábricas), a *Lanigrés*, *Grespor*, *Cerev*, *Apolo*, *Revigrés* e *Recer*, projectam imagens fortes da indústria portuguesa e da Região Centro, onde a maior concentração se verifica nos concelhos de Anadia, Oliveira do Bairro, Ílhavo e Águeda.

Por último, deve referir-se a *louça sanitária*, que também observou nos últimos anos um processo de reconversão/modernização, traduzido na internacionalização do capital, na actualização tecnológica e no alargamento do mercado. A *Roca* (Leiria), a *Sanitana* (Anadia), a *Sanindusa* (Oliveira do Bairro e Cantanhede) e a *Aquatris* (Santa Comba Dão), são as referências regionais neste domínio.

A elevada concorrência e internacionalização não têm impedido uma colaboração eficiente dos industriais, nomeadamente através da *Associação Portuguesa da Indústria de Cerâmica (APICER)* e do *Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro*, localizado em Coimbra e com uma acção continuada em todo o País. Com 65 colaboradores, dos quais 35 com grau de licenciado ou superior, o *CTCV* é hoje um instrumento fundamental para a contínua actualização da indústria cerâmica.

Revestimentos Técnicos – a Tecnologia de Ponta

No encontro do desenvolvimento de duas produções com história na Região – a da cerâmica e a dos produtos metálicos – emergiu um domínio de grande especialização e avanço tecnológico: os revestimentos técnicos, para componentes de equipamentos para as indústrias.

O mercado é global e os domínios de aplicação encontram-se em várias indústrias: cimenteiras, da energia, mineira, química e petroquímica, naval, alimentar, têxtil, vidreira, do papel e da celulose.

A empresa protagonista deste processo é a TE and M – Tecnologia e Engenharia de Manutenção, SA, localizada em Taveiro, concelho de Coimbra, e associada ao grupo DURIT – metalurgia portuguesa do tungsténio, com sede em Albergaria-a-Velha, mas hoje um grupo internacional, com uma importante unidade industrial no Brasil e representações comerciais na Alemanha, em Espanha e no Brasil.

O grupo DURIT, fortemente implantado na Região Centro, tem uma assinalável diversificação, orientada no sentido de gerar sinergias: moldes para plásticos, fundição metalúrgica, fabricação de tubos plásticos, vidros cerâmicos, ferramentas e equipamentos para minas, pedreiras e obras públicas.

Os Moldes

A INDÚSTRIA DE MOLDES PARA PLÁSTICOS tem raízes que remontam aos anos 80 do século XIX, quando se introduz a indústria de moldes para vidros. Um nome aparece, muito cedo, ligado a este processo de inovação, Aníbal H. Abrantes, que esteve na origem dos moldes para vidro e, depois, da primeira fábrica de moldes para plástico (1944).

A produção dos moldes está fundamentalmente orientada para a exportação e os seus mercados têm-se expandido, a partir de uma dependência inicial quase exclusiva dos Estados Unidos da América. O desenvolvimento tecnológico da indústria portuguesa dos plásticos,



nomeadamente de componentes para automóveis, tem alargado o segmento nacional do mercado.

A internacionalização, que se iniciou em 1957, tem-se dado não só através do comércio, mas também pelas estratégias de investimento noutros países por parte de alguns industriais.

Numa e noutra situação as novas tecnologias da informação e da comunicação têm sido decisivas, desde os anos 80, para manter a centralidade da Marinha Grande no espaço global.

O grupo *Iberomoldes, SA*, empregando mais de 600 pessoas, tem hoje uma projecção mundial pela qualidade dos seus produtos e serviços, cuja exportação representa 95% da sua produção.

A *Iberomoldes, SA* é a *holding* que reúne empresas de produção, comércio e

serviços, em que a componente de investigação e desenvolvimento é muito importante. A Marinha Grande é o pólo principal do grupo, localizando-se aí a principal unidade de desenvolvimento de produtos (a *SET, SA – Simultaneous Engineering Technology*) e o conjunto de fábricas produtoras de moldes, em que se contam duas das “históricas”, a *A. H. Abrantes, SA* (I e II) e a *Edúlsio C. Silva, Lda*. O grupo tem também fábricas de moldes na Tunísia e no México e empresas de *engineering* na Suécia e no Reino Unido. Detém ou participa ainda em várias empresas especializadas, que vão da formação profissional aos instrumentos médicos, localizadas em Portugal e no estrangeiro.

A *SET, SA* foi criada há pouco mais de 10 anos pela Iberomoldes como uma empresa de engenharia na área do desenvolvimento do produto, com recurso às mais avançadas técnicas de *Computer Assisted Engineering*. “A filosofia central da *SET, SA* é a integração total de diferentes bases de dados num sistema coerente que trata toda a informação para desenvolver novos produtos de plástico”. A *SET, SA* participa em vários projectos de I&D, em parceria com laboratórios de investigação, universidades, empresas e centros tecnológicos.

A indústria dos moldes da Marinha Grande dispõe de duas estruturas de apoio, sediadas no concelho: a CEFAMOL – Associação Nacional da Indústria de Moldes e o CENTIMFE – Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos. A primeira oferece um leque diversificado de serviços aos seus associados, bem como aos profissionais do sector, participando ainda em vários projectos e acções no âmbito do desenvolvimento da indústria e da sua projecção nos mercados. A segunda apoia o desenvolvimento tecnológico do sector, numa perspectiva de integração de produtos.

O Vidro – Tradição, Arte e Inovação

A EXISTÊNCIA DE BOAS AREIAS E A ABUNDÂNCIA de lenha foram os factores determinantes para a localização da indústria vidreira na Marinha Grande no século XVIII, por iniciativa dos irmãos Stephens, súbditos britânicos, comerciantes na praça de Lisboa. Outra experiência, remontando ao século XVI, existiu na Beira, no concelho de Oliveira de Azeméis, mas foi na Marinha Grande que a indústria vidreira viria a desenvolver-se, num processo de diversificação e continuada actualização nos processos e nos produtos.

A produção de vidro divide-se por dois grandes grupos, a embalagem e a

cristalaria, ocupando cerca de 5000 activos. Enquanto a cristalaria está concentrada na Marinha Grande e em Alcobaça (já na Região de Lisboa e Vale do Tejo), o vidro de embalagem, além de fábricas naquele concelho, tem uma importante unidade em Vila Verde, concelho da Figueira da Foz.

Ao longo de dois séculos e meio de existência, a cristalaria tem sofrido várias crises, a que correspondem “saídas” e “entradas” de novos actores, resultado de processos de reestruturação produtiva e empresarial. Do passado, o nome mais emblemático é precisamente o da Fábrica Stephens, hoje parcialmente transformada em Museu, onde se sintetisa uma parte da memória marinhense. A Ivima e a Crisal são outras referências, já com uma história que reflecte o pulsar da indústria da cristalaria da Marinha Grande.



Hoje aposta-se na modernização dos processos de fabrico, mantendo a importância da componente de criação artística e artesanal, a que o moderno *design* veio dar novas perspectivas de permanência num mercado, europeu e mundial, muito competitivo. Da nova geração de unidades produtoras, pode referir-se, entre outras, a Dâmaso – Vidros de Portugal, SA.

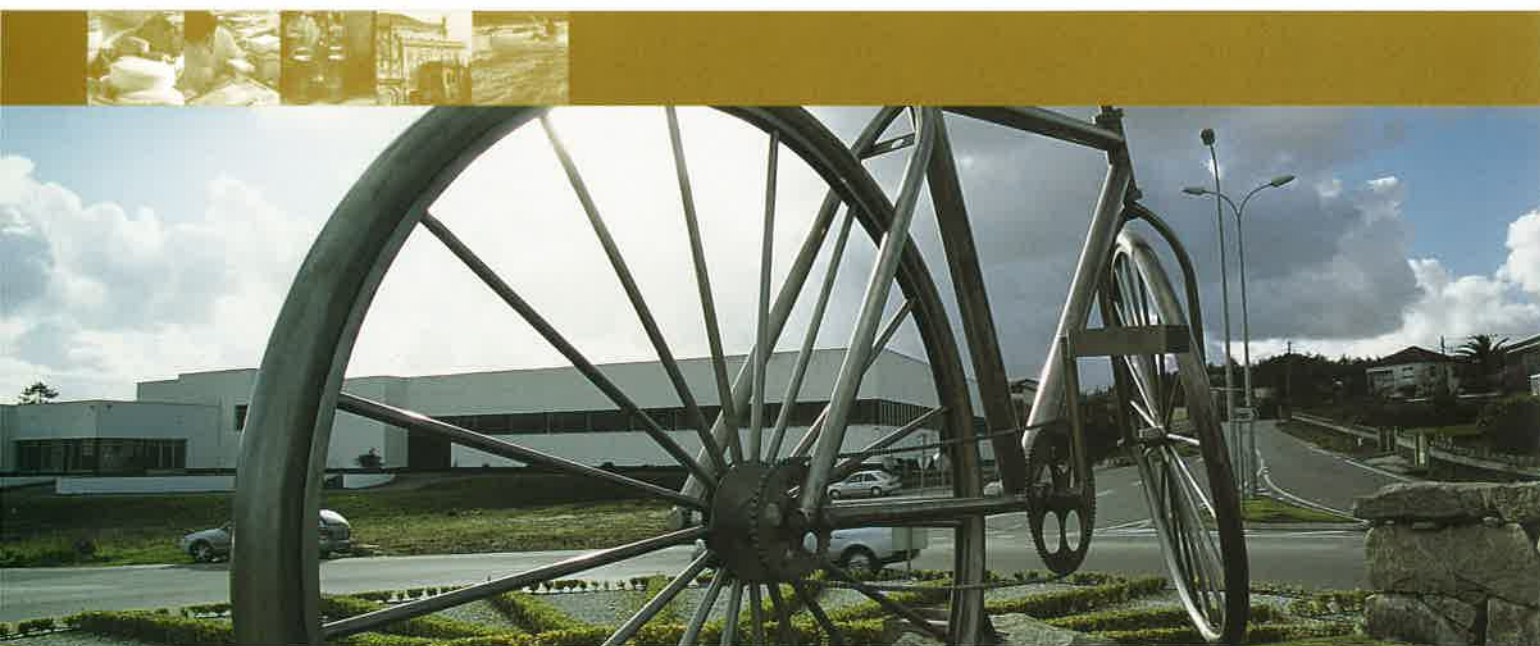
No vidro de embalagem destacam-se três empresas: além da fábrica de Vila Verde (Vidreira do Mondego), a Ricardo Gallo e a Santos Barosa e Companhia, ambas na Marinha Grande.

A Indústria das “Duas Rodas”

PORTUGAL TEM UMA TRADIÇÃO INTERESSANTE na indústria dos veículos de duas rodas – bicicletas e motorizadas – com o centro de gravidade em Águeda e maior incidência na envolvente territorial desta cidade.

Nos últimos anos observou-se uma profunda reestruturação na indústria das duas rodas, no sentido da especialização na produção em componentes.

Assim, embora continue a produção de bicicletas e de alguns veículos



motorizados, inclusive com uma componente exportadora, a maior parte das unidades fabris dedica-se à produção de componentes, não só para veículos de duas rodas, mas também para a indústria automóvel.

O leque de componentes e de acessórios abrange meia centena de produtos tão diferenciados como os motores, os pistões, os travões, os reflectores, os velocímetros e uma variedade de componentes metálicas e plásticas.

A maior parte da produção destina-se ao mercado externo, abrangendo cerca de 50 países importadores.

Apesar da desigual qualificação tecnológica e oscilações na robustez empresarial, este ramo tem excelentes perspectivas, para já, no domínio das componentes e dos acessórios, no futuro, eventualmente, na produção de veículos, o que, em boa medida, também decorrerá do comportamento dos mercados, europeu e ibérico.

Metalúrgicas e Metalomecânicas

AS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS E METALOMECÂNICAS têm uma longa tradição em áreas específicas da Região Centro, tendo-se verificado alguma difusão do litoral para o interior. É nessa tradição que enraizam as indústrias dos moldes e das “duas rodas”, individualizadas, no presente texto.

Estas indústrias estão dispersas pela região, gerando algumas conglomerações locais, que podem ou não corresponder a especializações. Nalguns casos estamos perante indústrias “históricas” que se têm adaptado às circunstâncias, aproveitando oportunidades, noutras são emergências recentes, resultado de respostas às procuras dos mercados – nacional e internacional.

As principais unidades produtivas representam os seguintes domínios: mobiliário metálico; ferragens, torneiras e ferramentas; grandes estruturas metálicas; componentes para automóveis; bens de equipamento e de consumo para empresas ou famílias.

No mobiliário metálico existem empresas bem dimensionadas, com capacidade exportadora assinalável, tanto nos produtos, como nos processos. A metalúrgica de Levira (Oliveira do Bairro), a Cortal, a Rodrigues e Almeida – RALL e a Guialmi (as três em Águeda), são quatro imagens de marca não só da Região, como do País. Referem-se também as “históricas” Janeves e ADICO, em Estarreja. Uma nota para a bem sucedida estratégia de internacionalização da Levira, o maior exportador português de mobiliário de escritório.

No capítulo das ferragens e produtos afins, estão instaladas na Região Centro algumas unidades industriais modernas e orientadas para mercados alargados. A URFIC, em Tondela, a Tupai, a Pecol e a Mascruz, em Águeda.

Num domínio próximo, deve fazer-se uma referência à fábrica de torneiras Gröhe localizada em Albergaria-a-Velha, bem como à P.J. Ferramentas, de Aveiro, cuja internacionalização prossegue, com a construção de uma unidade de componentes metálicas, no Brasil.

Articulada com o mais importante sector das transformadoras na Região, o das cerâmicas, destaca-se a Metalcértima, em Oliveira do Bairro, que projecta e constrói máquinas e equipamentos especiais para a indústria cerâmica.

A produção de grandes estruturas metálicas também tem uma forte tradição, com nomes de referência na Região, casos da Soima e da Marcovil, em Viseu, da Martifer em Oliveira de Frades, A. Silva Matos em Sever do Vouga, Citergaz (Albergaria-a-Velha) entre outras.

No que respeita às componentes para veículos automóveis contam-se na Região no final do século XX, 20 empresas credenciadas, sendo as metalomecânicas as mais numerosas (14), seguindo-se as que produziam produtos plásticos (6). A maioria das metalomecânicas localizam-se no eixo Aveiro – Águeda – Viseu / Tondela / Mangualde – Guarda, com uma ligeira concentração no Baixo Vouga.

Embora as empresas de produção de veículos da Região (Citroën, em Mangualde e Salvador Caetano em Ovar), sejam clientes destas unidades de produção de componentes, a Autoeuropa foi a empresa que, em território nacional, deu maior impulso ao sector, que actualmente tem uma forte dimensão exportadora. Segundo a mais recente informação disponibilizada pelo ICEP – Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal, existe uma dezena de *empresas exportadoras* de componentes para automóveis localizadas na Região Centro.

No último grupo que assinalámos, apesar da dispersão por tipos de produtos, ganham relevo duas unidades de produção de bens de consumo para a habitação: a Vulcano Termotécnica S.A., em Aveiro, do Grupo Bosch, que está classificado como Centro de Competência Mundial para a produção de esquentadores e caldeiras; a Teka Portuguesa, em Ílhavo, fabricante de equipamentos de cozinha.

O território centrado em Aveiro alberga ainda um grande número de empresas produtoras de equipamentos para o comércio, hotelaria e a habitação (mobiliário, aquecimento, frio, ventilação,...).

No domínio da indústria do frio deve destacar-se um dos grupos de empresas emblemáticos da Beira Interior, a *Centauro Internacional*, de Castelo Branco, que



orienta boa parte da sua produção para mercados externos, na Europa, América do Sul, África e Médio Oriente.

Por último, uma referência ao facto de se terem radicado na região empresas do ramo da metalomecânica orientados para o apoio a outras actividades económicas com forte implementação regional, como são as unidades produtoras de máquinas ou ferramentas para a indústria leiteira, para a produção de vinho, para o trabalho das madeiras e para uma série de indústrias de produtos metálicos.



Lanifícios e Vestuário

A INDÚSTRIA TÊXTIL TEM UMA LONGA TRADIÇÃO regional, marcada por processos de reconversão e ajustamento às alterações na tecnologia, na organização produtiva, no dinamismo do mercado. Historicamente, a primeira grande transformação operou-se no século XVIII, com a iniciativa pombalina da criação da Real Fábrica de Lanifícios, na Covilhã, que foi determinante para a reestruturação produtiva regional.

Nos últimos decénios, a modernização da indústria têxtil foi acompanhada pelo desenvolvimento da indústria do vestuário, que teve um importante papel na absorção de mão-de-obra.

No que respeita ao têxtil da lã e assimiláveis, a Covilhã é o principal pólo, embora ainda permaneçam activas unidades em polarizações secundárias com alguma tradição: Seia, Gouveia, Guarda, Cebolais/Retaxo (Castelo

Branco), Avelar/Ansião, Castanheira de Pêra e Mira D'Aire (Porto de Mós). Embora desejável e com alguns progressos recentes, a articulação entre a indústria de lanifícios e a do vestuário não está muito desenvolvida, apesar da proximidade de algumas polarizações, como nos casos de Castelo Branco e Belmonte, mas já noutros pólos do vestuário, como Oliveira do Hospital, Leiria e Viseu, nem a proximidade é significativa.

Note-se que tanto no processo de integração vertical do têxtil (cardação, fição, tecelagem, tinturaria e acabamento), como no vestuário, encontram-se empresas com um elevado nível tecnológico, os mais modernos padrões de organização do processo produtivo, o recurso a *design* de qualidade e boas estratégias de promoção e comercialização. Essas empresas têm-se revelado competitivas e sustentáveis.

Na indústria de lanifícios, a *Paulo de Oliveira, SA*, localizada na Covilhã, é uma unidade moderna de referência, com integração vertical, bem dimensionada – a maior empresa de tecidos de lã da Península Ibérica.

Entre as estruturas de apoio ao sector, uma menção particular deve ser feita à *ANIL*, a *Associação dos Industriais de Lanifícios*, e ao *CITEVE*, o *Centro Tecnológico dos Têxteis e Vestuário*. Também a Universidade da Beira Interior tem cursos de engenharia têxtil e investigação direccionados para o sector.

A Floresta – de Banco dos Pobres à Riqueza do Futuro

NA REGIÃO CENTRO LOCALIZA-SE UMA DAS grandes manchas florestais da Europa que, nos últimos anos, foi drasticamente reduzida pela ocorrência de incêndios. O pinheiro bravo é a principal espécie de povoamento, orientando-se a produção para as indústrias de celulose, de aglomerados e de madeiras que, nalguns concelhos, deu origem à indústria do mobiliário.

Sendo dominante a pequena propriedade, o pinhal funcionou no passado como uma reserva de capital para os camponeses, era assim conhecido como *banco dos pobres*.

A estrutura fundiária e a maior incidência nas áreas de montanha têm dificultado o bom ordenamento da mancha florestal, cuja produção é hoje insuficiente para responder às necessidades das principais indústrias de transformação da massa lenhosa.

Neste âmbito têm vindo a ser desenvolvidas iniciativas na Região no sentido de promover o associativismo de proprietários, de molde a viabilizar economicamente as explorações, em especial na sub-região do Pinhal Interior. Existem condições e meios para proceder a um processo de reconversão e reordenamento da floresta, levando mesmo à sua expansão e à reintrodução de espécies da flora clímax, não só com maior valor comercial, mas também com um potencial de regeneração das paisagens, com efeitos sensíveis na oferta turística. A floresta já não é o banco dos pobres, mas continua a ser um grande potencial de riqueza regional.

A floresta dispõe na Região Centro de uma infra-estrutura tecnológica, o *CBE – Centro de Biomassa para a Energia*, com sede em Miranda do



Corvo. O CBE tem a colaboração da Universidade de Coimbra e de outras instituições do Ensino Superior, desenvolvendo projectos para o Estado, para empresas e autarquias locais, frequentemente com o apoio da União Europeia. O principal projecto implementado é a Central Termoeléctrica de Mortágua, que funciona com resíduos florestais, produzindo anualmente 63 GW/h de energia eléctrica.

Os Produtos da Terra – uma Riqueza por Explorar

OS EXCELENTES VINHOS DO DÃO E DA BAIRRADA, o queijo da Serra, a cereja da Cova da Beira, a maçã Bravo de Esmolfe, ou a vitela de Lafões, são algumas das referências de produtos com denominação de origem protegida (DOP). Além de estarem longe de uma exploração e promoção consonantes com o seu potencial de mercado, não esgotam as coisas boas que as terras do Centro proporcionam e que não podem ficar de lado no processo de desenvolvimento.



Vejamos assim alguns exemplos, considerando separadamente as duas “Regiões Agrárias” em que se organiza a administração desconcentrada do Ministério da Agricultura e Pescas na Região Centro: Beira Litoral e Beira Interior.

Na Beira Litoral distinguem-se os vinhos, em particular os DOC (Denominação de Origem Controlada) da Bairrada e do Dão, mas também os IPR (Indicação de Proveniência Regulamentada) da área de Leiria e de Lafões, sem esquecer algumas “jóias” perdidas na designação de “regional”, como o excelente *Foz de Arouce*. As carnes também são soberbas e de gostos muito variados: na bovina, a *Arouquesa*, a *Marinhosa* e a de *Lafões*, na caprina, as da *Serra da Gralheira* e na ovina, as da *Serra da Estrela*.

Nas frutas, destacam-se as maçãs, onde o já citado *Bravo de Esmolfe* sobrepõe todas, mas são também apreciadas as de Alcobaça/Leiria e as de muitos pomares da Beira Alta.

Nos queijos, é rei o da *Serra da Estrela*, mas outros são também apreciáveis, como o *Rabaçal*, e as condições são excelentes para consolidar experiências ou recuperar práticas tradicionais.

Também o *mel da Lousã* e a *castanha dos Soutos da Lapa* têm a sua Denominação de Origem Protegida.

Outras produções frutícolas merecem ser nomeadas e incentivadas: morangos das áreas de Coimbra e de Leiria, mirtilos e framboesas de Sever do Vouga, pêras de Leiria/Batalha/Porto de Mós, avelãs de Viseu e Vila Nova de Paiva, nozes de Penela, Condeixa-a-Nova e Miranda do Corvo.

As nossas mesas também poderão ficar melhor servidas se forem promovidos, acautelada a qualidade, outros produtos das terras da “Beira



litoral”: o arroz do Baixo Mondego, as hortaliças frescas das areias dos concelhos do litoral, da Marinha Grande a Ovar. E as *batatas*! As deliciosas batatas que poderiam ser de “todo o ano”, adequando as variedades aos terrenos, ao clima e ao calendário, dos areais da Gândara até aos planaltos serranos.

Há ainda que recuperar a tradição da recolha dos cogumelos, que nascem por todo o lado, e que embora presentes na gastronomia, deve ser alargada a espécies menos reconhecidas. As condições edafo-climáticas são excelentes: das areias próximo do litoral, aos soutos e bosques de carvalhos do interior.

Muitas destas produções, já consolidadas ou com boas perspectivas de sucesso, são comuns à Região Agrária da Beira Interior: é o caso dos cogumelos, da batata e do mel. Outras são específicas, na natureza ou tão-só na variedade.

Assim, se o vinho tem as melhores notas no Dão e na Bairrada, na Beira Interior os *azeites* são de excelência, do Tejo ao Douro.

Também abundam as carnes de bovino de qualidade, mas as preferências vão para o cabrito (da Beira), o borrego (Serra da Estrela, Beira ou Terrincho) e para o porco (de raça alentejana).

Na fruta, destaca-se o *pomar da Cova da Beira*, com as suas cerejas, maçãs, pêras e pêsegos; mais a norte, também se produz o *Bravo de Esmolfe* e outras variedades de maçã, de qualidade.

Os queijos são óptimos: o *Serra da Estrela*, o *Amarelo* e o *Picante da Beira Baixa*, e uma pequena produção do *Terrincho*, no Vale do Douro. E os vinhos da Beira Interior (Castelo-Rodrigo, Meda, Covilhã, Fundão, Pinhel...) são bons companheiros, que se afirmam de ano para ano, sem esquecer que, a norte, a Região ainda produz *Dão* (DOC), *Porto* (DOC) e *Douro* (DOC).

Nos frutos secos devem ser apreciadas as avelãs da Guarda e da Covilhã, as amêndoas de Meda e Figueira de Castelo Rodrigo, as nozes das faldas da Serra da Estrela e da Cova da Beira.

Uma nota final para *O produto da terra, o trigo, o pão!* Do campo de Figueira de Castelo Rodrigo, ao campo de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova, o trigo é excelente e as condições para o produzir são as melhores. Por isso deve ser incentivada a sua produção, transformação e promoção, para que não se perca um dos mais importantes patrimónios da Região.

Muitos destes produtos já são conhecidos do consumidor médio, outros aparecem em certames locais, alguns recuperando a tradição das antigas feiras e festas religiosas. Um destaque para algumas feiras especializadas, cujo exemplo deve ser apreciado, melhorado e difundido: desde logo as feiras do queijo, nos principais centros produtores, que disputam entre si a primazia, a Feira das Nozes e Feira do Mel, ambas em Penela; a Feira da Castanha e do Mel, em Lousã; a Feira e Festa do Vinho do Dão, em Nelas; NeRURAL e EXPORURAL, feiras de gastronomia, turismo, mundo rural e caça, na Guarda; BEIRALIMENTAR – feira dos produtos agro-alimentares, em Castelo Branco; Feira de Enchidos, Queijo e Mel de Vila de Rei.

Importa definir uma estratégia consequente no sentido da promoção dos *produtos da terra*, de molde a aumentar a visibilidade dos produtos de qualidade, incentivando a certificação e a criação de marcas locais, e a expandir a produção e a fortalecer a competitividade destes produtos únicos. Assim, através da qualificação técnica dos produtores e dos agentes promotores, chegaremos à *valorização da imagem das áreas rurais*.

Os Trabalhos das Mãos

SE MUITOS DOS SABERES ARTESANAIS PASSARAM para a produção moderna, na indústria como na agricultura, ainda há um grande número de práticas pré-modernas que se traduzem em produtos artesanais de qualidade. A alguns já nos referimos, a propósito do que a terra dá ou pode dar, mas impõe-se ainda uma breve nota sobre o que se designa genericamente por artesanato.

Estas actividades e os seus actores mais relevantes fazem parte de um levantamento excelente, promovido e publicado pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, com a colaboração da Comissão de Coordenação



da Região Centro. Aí se encontra informação sob a forma escrita e fotográfica sobre as artes várias: do vidro e da cerâmica, da tecelagem e do bordado, dos metais, da pedra, da madeira e elementos afins. Na economia deste texto, sejam-nos permitidos apenas alguns destaques.

Os bordados de Castelo Branco, de origem oriental, com o seu ponto específico, que trabalham com o linho e com a seda, dando origem às famosas colchas, com elevado sentido decorativo. Entre outros locais de aprendizagem, que mantêm viva e actualizada esta arte, aqui viva desde o século XVII, existe, instalada no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, uma oficina-escola do Bordado de Castelo Branco.

Famosos e valiosos são ainda os bordados de Tibaldinho, no concelho de Mangualde, que continuam a elaborar com grande rigor os padrões clássicos de origem inglesa e que remontam ao século XVIII. Refiram-se ainda os trabalhos afins de Torredeita (Viseu), aldeias do Montemuro (Castro Daire) e Alvaiázere, entre outros.

A tecelagem artesanal encontra-se um pouco por toda a Região, a eleição dependerá dos gostos, mas há nomes consagrados, como os de Almalaguês (Coimbra), com suas colchas, tapetes e toalhas, ou os, por vezes surpreendentes, trabalhos feitos nos concelhos de Viseu, Sabugal, Porto de Mós, Idanha-a-Nova e Castro Daire.

Os vidros e as cerâmicas artesanais sobrepõem-se geograficamente à produção industrializada (Marinha Grande, Leiria, Batalha, Porto de Mós, Coimbra, Aveiro, Águeda), mas são também de enaltecer artesãos que se mantêm activos, prolongando tradições: em Miranda do Corvo, Tondela (Molelos), Mortágua, Fornos de Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo, Idanha-a-Nova.



Na arte da pedra há uma boa escola da estatuária, associada à arte dos canteiros e pedreiros, como na Batalha, em Cantanhede, em Oliveira do Hospital e no concelho de Castelo Branco.

No trabalho metálico prevalecem os estanhos da Mealhada e da Bodiosa (Viseu), os chocalhos Castro Daire (Cabril) e as facas e outros instrumentos de corte (Verdugal/Guarda e Mougueira/Sertã).

Os produtos de verga, madeira e bunho observam mais dificuldades face à concorrência das produções orientais, mas ainda estão activos do litoral ao interior: Gonçalo (Guarda), Roussão (Castro Daire), Fundão, Vila Nova de Poiares, Carapinheira (Montemor-o-Velho), Ílhavo, entre tantos outros, são locais, onde sobrevivem artesãos, cada vez mais orientados para os consumos do turista e menos para as necessidades locais do dia-a-dia.

Por último, apenas uma menção à arte da culinária, rica e variada, muitas vezes em transição para a gastronomia, que ganha afirmação em situações singulares da restauração. Para lá da boa preparação e requinte, que são tantas vezes conseguidos, há um número de comeres originais, senão mesmo únicos: a chanfana de cabra das serras calcárias do Litoral, os maranhos das serras de xisto do Interior, os buchos recheados de Folques, as enguias da Murtosa, o leitão da Bairrada, o bacalhau e suas miudezas na área da Figueira da Foz, as morcelas da Beira Alta e tantas outras iguarias que merecem um levantamento e uma elevação, que as transporte definitivamente para os roteiros turísticos da Região.



A Saúde – Oferta de Serviços numa Região Saudável

A SAÚDE É, A VÁRIOS TÍTULOS, UM TEMA recorrente nas abordagens ao desenvolvimento da Região. As montanhas, os ares lavados e as águas de múltiplas nascentes, desde tempos imemoriais atraíram pacientes ao “Portugal Central”. As termas do Luso, Curia, São Pedro do Sul, (as mais procuradas do País), Monte Real, Monfortinho, Felgueira, Carvalhal, Cavaca, entre outras, representam o poder regenerador da água e são hoje, nalguns casos, excelentes pólos de atracção turística. Mais recente foi o papel curativo da montanha que, até à segunda metade do século, permaneceu activo no combate à tuberculose, com vários sanatórios, nas serras do Caramulo e da Estrela. No litoral, durante séculos, os gafos

(leprosos) procuravam refúgios nos areais desertos a sul da Ria de Aveiro, na terra que ficou conhecida por *Gafanha*. Já no século XX, quando se decidiu construir uma moderna leprosaria, foi escolhida a freguesia da Tocha, onde se edificou o estabelecimento *Rovisco Pais*, hoje adaptado a infra-estrutura de turismo e lazer.

Neste contexto, deve ainda ser feita uma referência à talassoterapia, que também tem tradições, decorrentes das características da faixa costeira, onde se estabelece uma combinação virtuosa entre o mar, o pinhal, os areais e a atmosfera.

A esta “renovada” vocação associou-se, desde há séculos, a oferta de serviços, que tiveram na Universidade de Coimbra o principal pólo de formação de quadros. Recentemente, com a fundação da Faculdade de Medicina na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, o potencial de oferta de serviços de saúde e de formação médica foi reforçado. Neste âmbito devem ainda mencionar-se as diversas escolas superiores de saúde, existentes nos institutos politécnicos sediados na Região e o novo Pólo Universitário da Universidade de Aveiro, em Viseu.

Neste domínio não poderá deixar de ser sublinhado o papel da Fundação Bissaya Barreto, cuja pluralidade de actividades têm um “core” na área da Saúde, abrangendo escolas de enfermagem e outros estabelecimentos de ensino, hospitais, sanatórios, e outros organismos dedicados aos cuidados de saúde.

A modernização da rede hospitalar, com particular relevo para os novos hospitais regionais e para as novas unidades hospitalares da Universidade de Coimbra, colocam num nível elevado a capacidade da oferta de serviços de saúde da Região. Também a investigação tem acompanhado este movimento, observando-se a implantação de unidades de ponta, como é o caso do *Instituto Biomédico de Investigação da Luz e da Imagem – IBILI*, unidade científica de investigação interdisciplinar, associada à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, que produz pesquisas de base sobre interacções entre a luz e a vida, com incidência em domínios da oftalmologia, da dermatologia e da farmacologia.

O Turismo de Todos os Atractivos

COMO O EVIDENCIAM ESTUDOS RECENTEMENTE efectuados e também a evolução positiva do sector, a Região Centro tem grandes potencialidades para o desenvolvimento da economia do turismo. A diversidade dos recursos turísticos, do património cultural ao natural, constitui a maior força da Região neste domínio e uma alavanca fundamental para o desejado processo de desenvolvimento turístico.

Um cordão litoral que se estende ao longo de aproximadamente 140 Km,



com numerosas e extensas praias, algumas das quais com grande tradição e procura turísticas (S. Pedro de Moel, Vieira de Leiria, Pedrógão, Figueira da Foz, Quaios, Tocha, Mira, Vagueira, Costa Nova, Barra, Torreira, Furadouro...). Um território extenso, do Litoral ao Interior, com uma grande variedade de paisagens cénicas e singulares (a Ria de Aveiro com o seu emaranhado de canais, esteiros e marinhas da produção de sal; a Bairrada com o ritmado dos seus vinhedos; o Baixo Mondego com o reticulado dos seus arrozais; o Pinhal Interior com a imensidão da sua floresta; as serras de Sicó, Aire e Candeeiros com as suas típicas modelações cársicas; as campinas de Idanha com os seus largos horizontes de cereal, olival e rebanhos; a Cova da Beira com os seus pomares e hortas e o salpicado de casario; a Serra da Estrela com a sua imponente massa de granito e Natureza; as terras do Dão e Lafões com a sua sucessão de vales e serranias e povoados de meia encosta; ...).

Uma região com séculos de enriquecimento patrimonial e de maturação de

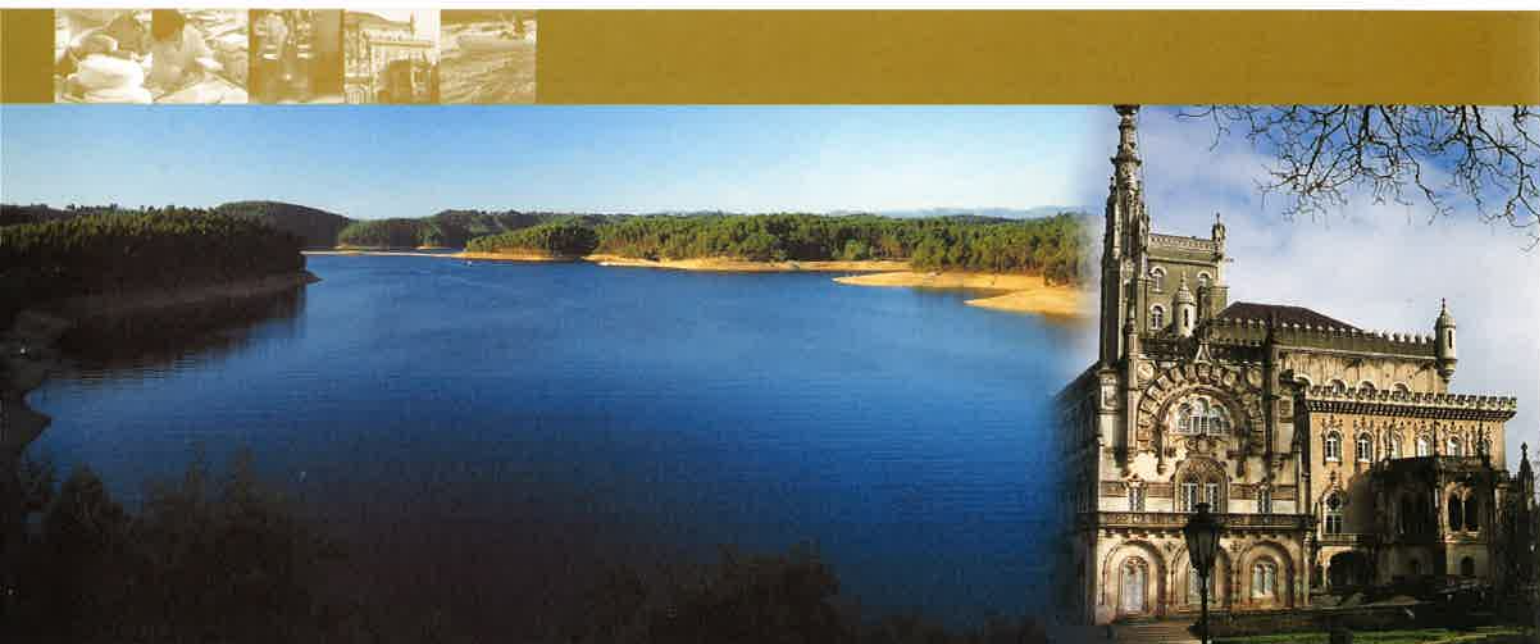
tradições: os vestígios dos antigos povoados romanos de Conímbriga e Egitânia; as aldeias históricas de Monsanto, Sortelha, Piódão, Linhares e Castelo Novo; as vilas patrimoniais de Almeida, Belmonte, Sabugal, Trancoso, Gouveia, Pedrógão Grande e Montemor-o-Velho; as cidades monumentais de Coimbra, Aveiro, Leiria, Viseu, Castelo Branco, Guarda e Covilhã; os mosteiros da Batalha, do Lorvão; as igrejas e conventos de Coimbra, Aveiro, Viseu, Castelo Branco e Guarda; os castelos de Leiria, Pombal, Montemor-o-Velho, Sabugal, Sortelha, Marialva, Monsanto e Lousã; os *chalets* arte-nova de Ílhavo; as casas-pijama da Costa Nova; os solares e quintas de Nelas, Mangualde e Sátão; o Palácio do Buçaco; a antiga Universidade de Coimbra; o Portugal dos Pequenitos; as azenhas de Penha Garcia, Redinha e Sever do Vouga; os moinhos de Penacova; os bordados de Castelo Branco e de Tibaldinho; as tecelagens de Almalaguês, Montemuro e Serra da Estrela; os barros negros de Molelos; as cerâmicas decorativas de Condeixa-a-Nova, Coimbra, Aveiro e Ílhavo; as cestarias de Castro Daire e de Gonçalo; os cobses de Viseu; as artes da pedra de Cantanhede; os moliceiros e as artes da borda d'água da Ria; as músicas e cantares de Manhouce e de Monsanto; os adufes da Beira Baixa; o madeiro de Natal da Beira Raiana; as festas do bodo de Salvaterra do Extremo e de Monfortinho; as romarias da Sra. do Almortão, Sra. de Mércules e S. Macário; as festas da Ria e as da Rainha Santa; o carnaval da Mealhada e de Ovar; as feiras de S. Mateus, Cantanhede, Fundão e Pombal; a Feira Raiana; o Festival de Cinema, a Gala dos Pequenos Cantores e o Mundialito de Futebol de Praia da Figueira da Foz; a Queima das Fitas e os Encontros de Fotografia de Coimbra; os Festivais de Música de Leiria e Coimbra; o CITEMOR e os teatros da Covilhã, Coimbra, Viseu e Montemor; o leitão e a chanfana da Bairrada; os buchos e maranhos do Pinhal Interior; os enchidos de Viseu e da Guarda; as caldeiradas da Figueira da Foz, Mira e Aveiro; as enguias da Murtosa; as lampreias de Penacova e Montemor-o-Velho; o cabrito assado da Beira Raiana; a vitela de Lafões; as brisas do Lis; os pastéis e queijadas de Tentúgal e do Lorvão; os ovos moles de Aveiro; os pastéis de Santa Clara; os viriatos de Viseu; os queijos da Serra da Estrela, da Beira Baixa e do Rabaçal; os vinhos da Bairrada, do Dão, da Cova da Beira, de Pinhel e Castelo Rodrigo;...

Em síntese, é na conjugação de história e natureza, traduzida em cultura, sob múltiplas formas, que reside decerto a melhor matéria-prima para alicerçar uma indústria de turismo de qualidade.

Estrategicamente, importa não só valorizar tais atractivos, como também internalizá-los em cadeias de produtos turísticos, adequando a oferta, ofertas de equipamentos e de serviços turísticos às procuras. Daí, a necessidade de dinamização do investimento no sector, público e privado, por forma a criar condições de sustentação e afirmação da actividade turística e a viabilizar nacional e internacionalmente a Região Centro como

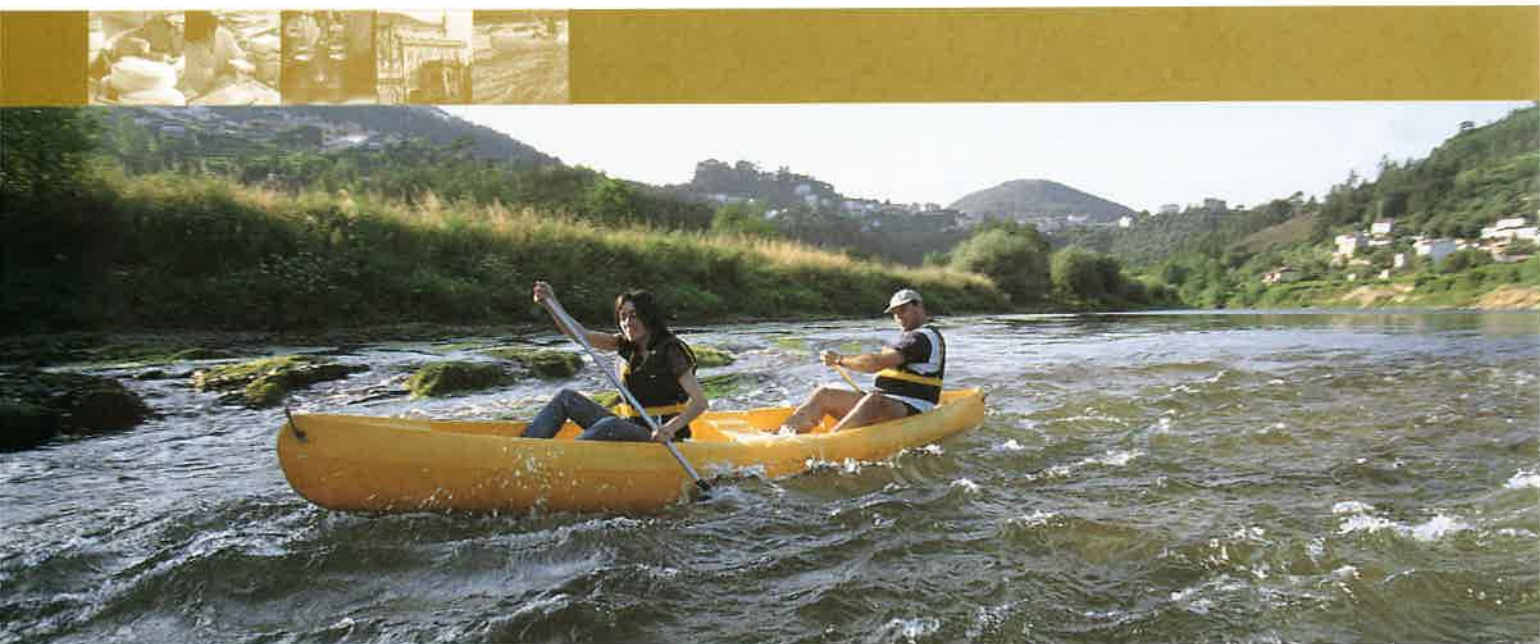
um destino turístico, atractivo e competitivo. Competitividade essa que, desde logo, no curto prazo pode ser alcançada num significativo leque de produtos turísticos: *touring* e excursionismo, turismo urbano-cultural, turismo de sol e mar, turismo em espaço rural, turismo de natureza e paisagem, turismo multiactivo, turismo de eventos, reuniões e negócios, termalismo e saúde e, enoturismo e gastronomia.

Importa também levar a cabo um bom ordenamento espacial, com vista à concertação e integração de actuações. O ponto de partida deverá ser uma segmentação territorial que releve as identidades sub-regionais e que garanta a dimensão apropriada para ancorar estratégias. Neste contexto, podemos identificar os seguintes territórios de desenvolvimento turístico: o Cordão



Litoral, de extensos areais limpos, sol e uma atmosfera única (o cheiro, a maresia...); Coimbra e Baixo Mondego, a um tempo urbano e agrário, rico de história e cultura de 20 séculos; Aveiro, Ria e Baixo Vouga, as marinhas excelentes, o ambiente natural e urbano recuperado, a água-planície e a montanha, as gentes laboriosas que evidenciam a produção de riqueza; as Serranias da Freita e da Arada, a montanha adusta, mas densamente ocupada e com uma cultura própria, na transição para o Norte; as Terras de Viseu e do Dão, as culturas material e imaterial, as paisagens de todas as estações do ano, o renascer de aldeias que já foram vilas municipais, as Terras do Caramulo e de São Pedro do Sul, os ares e as águas que purificam, curam e revigoram mentes e corpos, a natureza que convida ao passeio, à aventura e à descoberta; as Terras da Raia, o domínio do granito, os castelos que foram de fronteiras medievais, o começo da Beira, as paisagens típicas da Meseta; os Planaltos da Beira, do Montemuro a Trancoso, percorrendo as “Terras do Demo”, pelas cabeceiras do Paiva e do Vouga, a pureza das águas e dos ares, paisagens ricas em memórias literárias; a Serra da Estrela unindo Norte e Sul,

um sistema compósito de aproveitamento de recursos - a energia, as pastagens, a água! que geraram indústrias e artesanatos que se actualizam e perpetuam; o Campo de Castelo Branco e as Campinas da Idanha, ou tão-só as terras de pão da Beira Baixa, onde, a par da tradição, nasce uma nova urbanidade, numa das articulações mais promissoras do espaço ibérico; as Terras do Pinhal Interior, onde o xisto domina, cobertas pelo pinhal ou pelas charnecas de esteva e urze, com os seus mantos floridos na Primavera temporã e, para Norte, a Cordilheira Central, representada pelas agrestes serras do Açor e da Lousã, onde pode reinar o turismo alternativo, guiado pela natureza e pela aventura; e as Terras da Alta Estremadura, marcadas pelo intenso dinamismo urbano-industrial, em crescente alastramento pelas áreas rurais, mas onde o imenso e valioso Pinhal do Rei, as agrestes e



singulares serranias calcárias, e a monumentalidade do mosteiro da Batalha e dos castelos de Leiria e Pombal, convidam à descoberta turística.

A Região Centro, que tem de há muito lugares singulares bem marcados no imaginário do turista nacional, possui sem dúvida atractivos para se tornar um destino de fluxos de turistas exigentes. Nos últimos anos têm sido feitos expressivos investimentos em unidades hoteleiras e na valorização do património cultural edificado, que abrem o caminho para esse sucesso. Hoje, além dos históricos hotéis de termas e de praias, todas as cidades, mesmo as do Interior, têm uma excelente oferta hoteleira e a rede de pousadas foi não só qualificada como alargada. Outra melhoria importante verificou-se na oferta do turismo em meio rural, com diversas inserções: aldeias históricas, ambientes rurais-agrários e paisagens naturais singulares.



Região Centro



DESDE A FUNDAÇÃO DA NACIONALIDADE QUE este território tem sido objecto de acções voluntaristas, eficazes, por parte de diversas instâncias do poder.

A primeira cidade edificada *ex-novo* em Portugal foi a Guarda, iniciativa de D. Sancho I, em 1200, que assim recriava o bispado da Egitânia e ao mesmo tempo dotava a Beira de um pólo de ordenamento e de defesa de vasta faixa fronteiriça.

Lembremos ainda, entre muitas acções dos primórdios da nossa História, o combate à erosão marinha e ao avanço das dunas do litoral, com a plantação de extensos pinhais, iniciada ainda no século XIII por



D. Dinis, e o continuado e porfiado esforço de “domesticar” o Baixo Mondego, com sucessivas obras de hidráulica e medidas de fomento agrícola e florestal.

Seguindo os modernos paradigmas do planeamento regional, foi na década de 60 do século passado que se deram os primeiros passos decisivos, no sentido de estabelecer, no terreno, uma estrutura dedicada a promover e acompanhar o desenvolvimento integrado da Região Centro, que de resto obtém então esta designação. As Comissões de Planeamento Regional são criadas em 1969, na sequência das orientações do III Plano de Fomento. A actual Comissão de Coordenação Regional é a herdeira, reforçada e enriquecida, do ponto de vista das atribuições e dos meios disponíveis, daquela primeira estrutura que tinha, no essencial, funções de obtenção e tratamento de informação pertinente recolhida junto dos agentes económicos do território e, a partir daí, de apresentação de propostas ao Governo do País.

Desde a primeira reformulação, em 1976, que a Comissão de Planeamento/Coordenação, tem produzido um valioso acervo de estudos e de análises que têm constituído a base para a definição das linhas estratégicas para o desenvolvimento regional. Não obstante algumas insatisfações e até frustrações, o facto é que essas orientações estratégicas têm sido fundamentais para orientar as decisões dos agentes económicos, locais e regionais, públicos e privados.

Esta constatação é válida para os múltiplos aspectos do planeamento da ocupação e organização do território no último quarto de século: traçado e características das grandes redes de infra-estruturas, configuração de uma rede urbana original e cada vez mais robusta, defesa e valorização do património natural, qualificação do ambiente urbano e das condições de acesso à educação e ao saber.

Além do objectivo permanentemente actualizado de desenvolver a região no seu todo, promovendo a melhoria das condições de vida dos seus habitantes, a Comissão de Coordenação Regional (e as entidades que a antecederam) tem procurado, em estreita cooperação com as autarquias municipais, definir as melhores orientações no sentido de reduzir

As Acções Integradas de Base Territorial

Vocacionadas para a recuperação e dinamização de áreas rurais, a partir de âncoras específicas de cada território, estas acções integradas, que fazem parte dos Programas Operacionais Regionais do QCA III, contemplam grande parte do interior da Região Centro, através de três iniciativas: as AIBT do Vale do Côa, da Serra da Estrela e do Pinhal Interior. O espaço rural da NUTE III Beira Interior Sul será objecto de um conjunto de acções integradas, a partir de um “Pacto Territorial”, que contemplará também uma dimensão urbana.

Em qualquer destas quatro iniciativas está implícita uma articulação entre o renovar da base económica tradicional e a aposta forte no domínio do turismo, que aqui encontra uma diversidade de produtos de qualidade alternativos ao turismo massificado do litoral.

Desde logo, cada AIBT, para além das riquezas patrimoniais, paisagísticas e naturalistas específicas, tem um ou mais pólos de grande potencial atractivo: o Parque Arqueológico do Vale do Côa, a Serra da Estrela (...), as albufeiras das barragens da Bacia do Rio Zêzere e de outros afluentes do Tejo.

assimetrias no desenvolvimento intra-regional e, ao mesmo tempo, promover o ordenamento harmonioso do território, no respeito pelos valores do património natural e da herança cultural, duas das dimensões mais poderosas para o desenvolvimento sustentado da região.

São de relevar, entre outros instrumentos de planeamento postos em prática pela Comissão de Coordenação Regional: os Planos Regionais de Ordenamento do Território (do Centro Litoral e do espaço envolvente da albufeira da Barragem da Aguieira); os Planos Integrados de Desenvolvimento Regional e em particular o da Cova da Beira e o do Baixo Mondego (de grande alcance no período anterior à integração de Portugal nas Comunidades Europeias); e, no âmbito do QCA III, as Acções



Integradas de Base Territorial (AIBTs), orientadas para áreas com mais dificuldades de encetarem um processo de desenvolvimento sustentado.

No domínio do planeamento contínuo à escala do conjunto da Região, os instrumentos mais decisivos têm sido, desde finais dos anos 80, os Quadros Comunitários de Apoio e, em particular, os Programas Operacionais de âmbito regional, geridos a partir da Comissão de Coordenação Regional.

Todos estes instrumentos têm sido aplicados dando sequência às linhas de estratégia definidas para a Região e que encontraram acolhimento nos Planos (nacionais) de Desenvolvimento Regional (PDR), bases de negociação dos Quadros Comunitários de Apoio (QCA).

As Grandes Linhas de Estratégia

COM ALGUMAS VARIANTES DE FORMULAÇÃO e num ou noutro caso com alteração no grau de prioridade, as estratégias definidas no último quarto de século para a Região Centro têm mantido o rumo e a coerência, podendo falar-se com propriedade de um processo de *planeamento continuado*, que visa a sustentabilidade física, económica e social. Esta tem sido, assim, de forma implícita ou explícita, a grande linha de rumo.

A Protecção e Valorização do Património

PROTEGER E VALORIZAR A HERANÇA É UM desígnio natural, que ocupa um lugar proeminente nas orientações estratégicas para a Região Centro, traduzido operativamente em várias frentes de intervenção, nomeadamente, no Programa Operacional Regional, mas convergindo em outros instrumentos de iniciativa das administrações, local e central.

O património tem sido equacionado na dupla vertente, natureza e cultura, caminhando-se progressivamente para uma aproximação, que se traduz na valorização dos territórios, das paisagens e das identidades. Enaltecere e promover a diversidade de ambientes no contexto de um processo de desenvolvimento económico e social constitui uma das metas do processo de planeamento em curso.

No que respeita ao património natural, além das prioridades que representam os recursos hídricos e a floresta, bem como os conjuntos classificados de paisagem protegida, tem sido patente o esforço continuado de recuperação ambiental, em meios diversos: cidades, vilas e aldeias, faixa costeira, áreas de montanha, áreas de industrialização difusa.

Quanto ao património cultural, sublinhe-se a um tempo, a protecção e valorização da herança recebida e a edificação de novo património, tanto material, como imaterial.

A recuperação de monumentos, sítios arqueológicos, conjuntos urbanos e núcleos rurais – em que se destaca a *rede de aldeias históricas* – tornaram mais rica a Região.

Tão expressiva é a herança que os tempos recentes deixaram, em

equipamentos públicos e privados, por vezes de grande qualidade arquitectónica, que, progressivamente, também tem vindo a ser apanágio das muitas áreas residenciais.

Do património imaterial já falámos. Nas Artes, nas Ciências, nas Tecnologias, é patente o enriquecimento da Região Centro, que se traduz em maior projecção nacional e internacional, em mais capacidade atractiva, em bem-estar para as famílias e para as empresas.



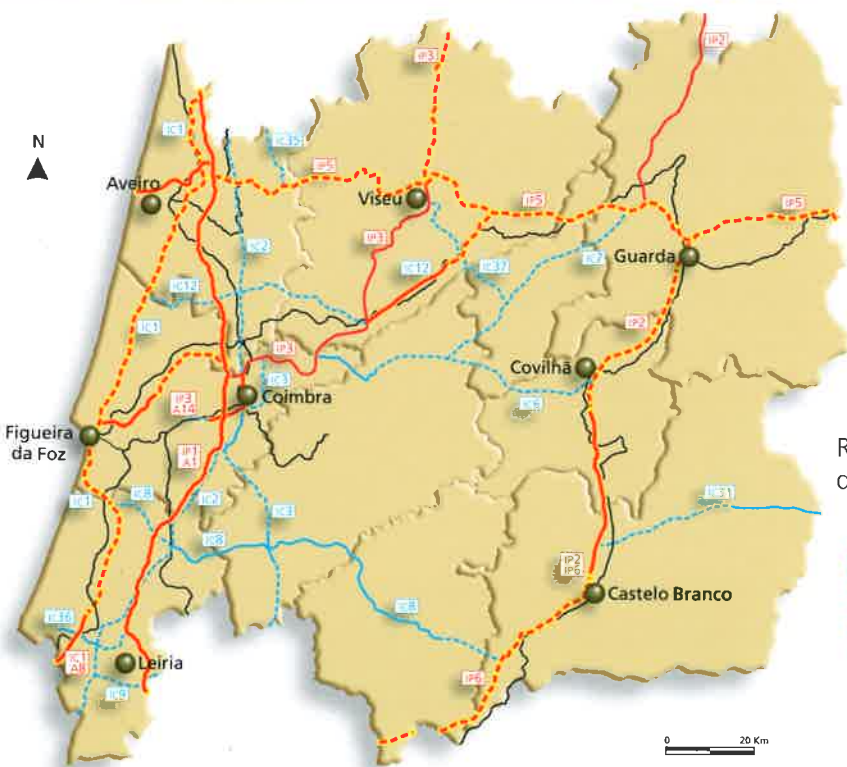
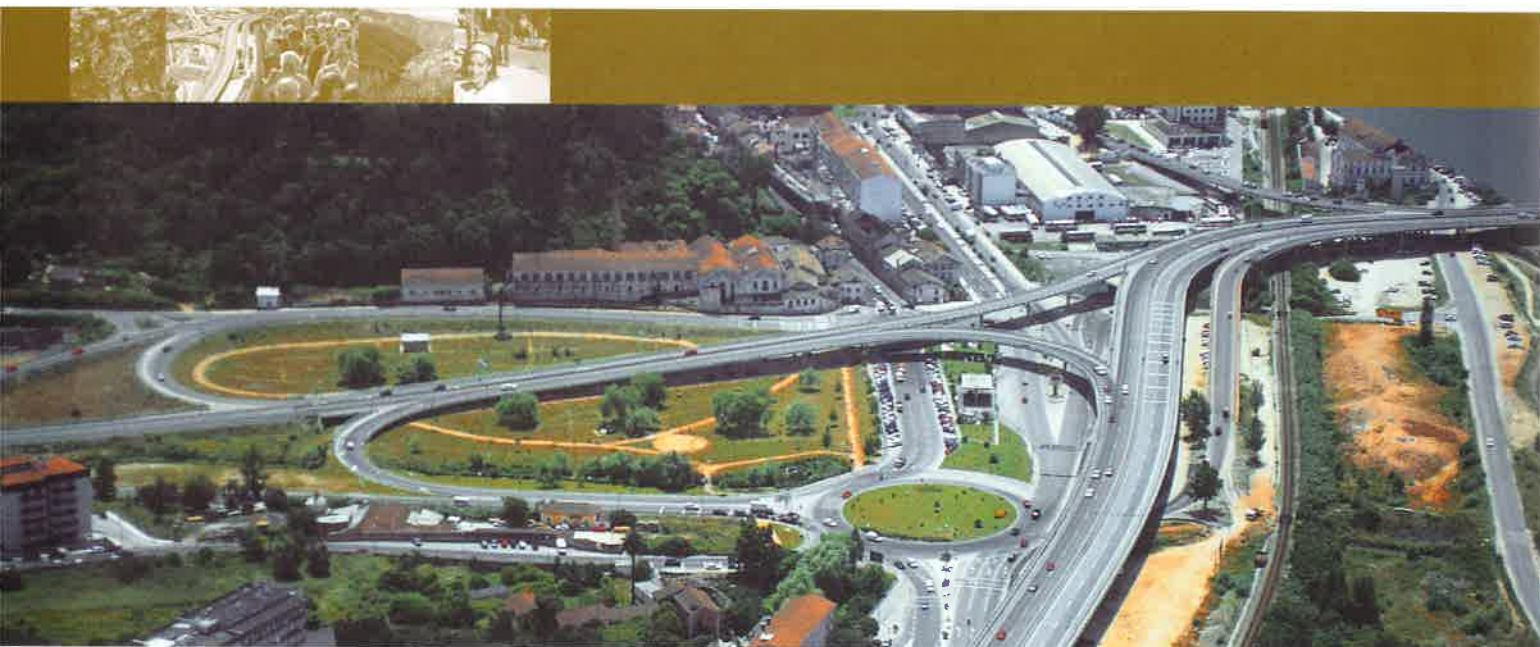
A Promoção das Acessibilidades

O DESENVOLVIMENTO DAS ACESSIBILIDADES tem sido uma prioridade no processo de desenvolvimento do País, constituindo a Região Centro um espaço fulcral nesta dimensão do progresso económico e social.

No que concerne as acessibilidades físicas, os maiores avanços verificaram-se nos capítulos das rodovias e das telecomunicações, embora, em termos relativos, no contexto nacional, sejam também expressivos os melhoramentos nas infra-estruturas portuárias e ferroviárias. A prioridade situa-se agora na integração dos serviços que podem operar nestas infra-estruturas. A logística é uma das chaves para o progresso da Região.

Mas as acessibilidades físicas constituem apenas um meio para o grande objectivo do incremento das acessibilidades económicas e sociais. E, de facto, observou-se um grande avanço no acesso a bens e serviços básicos, à

educação, à saúde, ao saneamento. Também se alargaram os horizontes da empregabilidade, num contexto local e sub-regional, através da expansão das bacias de emprego e da melhor qualidade da oferta. Tudo isto foi possível porque a economia funciona melhor, as empresas têm melhor acesso às matérias-primas e aos mercados, a informação flui com maior rapidez e qualidade acrescida. As inovações são mais frequentes e encontram cada vez menos barreiras. Também o recurso aos financiamentos tem registado melhoria de acessibilidade.



Rede Rodoviária e Ferroviária da Região Centro

- Auto-Estrada
- - - Auto-Estrada em Construção/Projecto
- Itinerário Principal
- - - Itinerário Principal em Construção/Projecto
- Itinerário Complementar
- - - Itinerário Complementar em Construção/Projecto
- Caminho de Ferro

A Valorização dos Recursos

Humanos

ESTA TERÁ QUE SER SEMPRE UMA LINHA ACTIVA nas estratégias regionais. As infra-estruturas de educação e de formação profissional constituem um dos melhores trunfos da Região e os resultados dessa aposta são visíveis em múltiplas frentes, como procurámos evidenciar nos capítulos antecedentes. Mas este é um domínio de longo prazo e que implica um esforço continuado e em permanente actualização.

As universidades, os institutos politécnicos, os centros tecnológicos de



excelência, são infra-estruturas vitais, mas não se pode esquecer que a valorização do recurso humano é um processo contínuo, ao longo da vida de cada cidadão. Daí o esforço em curso, sobretudo a nível local, para a educação ainda antes da escola primária e a evidente necessidade de melhorar o desempenho em todos os graus e domínios do ensino e da aprendizagem.

Mas não se deve esquecer que a Região tem um défice demográfico, quantitativo e qualitativo, resultado de décadas de emigração. Défice que deve ser corrigido, no longo prazo, pelos comportamentos sócio-culturais, no curto e médio prazo, através da atracção de gentes novas, que podem aí encontrar condições para a sua realização humana e social. A Região Centro perfila-se hoje também como um destino das migrações, nacionais e internacionais, o que também é um caminho para a valorização dos recursos humanos.

A Modernização da Base Económica

APESAR DAS ASSIMETRIAS SECTORIAIS, A ECONOMIA da Região Centro tem verificado um movimento global no sentido de uma reestruturação modernizante, que se traduz em múltiplos aspectos, que já tivemos oportunidade de referir e exemplificar.

O objectivo estratégico vai no sentido de tornar a economia mais competitiva, o que só é possível tendo em conta as dimensões da inovação e do elemento humano.

Talvez o melhor desempenho no âmbito da base económica esteja na qualificação e consolidação de alguns sectores tradicionais, conforme sublinhámos. Este é um caminho a prosseguir, por um lado, mantendo o dinamismo de actualização e, por outro lado, atraindo outros sectores bem enraizados na Região para o mesmo tipo de processo. Algumas produções da terra e do mar podem bem seguir um tal percurso, tendo em conta o grande potencial de qualidade e um conjunto de saberes que ainda não estão perdidos.

Mas a Região Centro, nalguns dos seus pólos mais fortes e dinâmicos, também tem manifestado capacidade para ancorar actividades produtivas e serviços de base tecnológica, com recurso às mais avançadas tecnologias. É um movimento que, para além de projectar a Região além-fronteiras, pode ter efeitos muito positivos no conjunto da economia regional, com reflexos na construção de uma sociedade moderna e identificada com o seu território.

A modernização da base económica deve ainda avançar – como está, de facto, a acontecer – pela valorização do potencial produtivo de segmentos mais localizados do espaço geográfico, pequenos territórios, onde um conjunto de produções de qualidade e de saberes tradicionais podem ser integrados, no sentido de robustecer a base económica local, não só através do turismo, mas também através da conquista de nichos de mercado, que importa prospectar.

O Bom Ordenamento do Território

NA JÁ CITADA PUBLICAÇÃO DA CCRC, QUE encerra o contributo para os estudos conducentes ao QCA III, a propósito de “Uma visão sobre a Região Centro (2000-2006)”, os autores atribuem grande importância ao desenvolvimento de *Um Modelo Territorial Equilibrado, Qualificado e Activo*, que se deverá estruturar em torno de quatro grandes questões: a organização e qualificação do sistema urbano; a afirmação dos centros de saber, de conhecimento e de comunicação; a criação de plataformas logísticas e modernização dos equipamentos e das infra-estruturas económicas; a promoção da coesão territorial, não esquecendo os espaços de baixa densidade, pelo que a provisão de bens públicos deverá obedecer a princípios de equidade.

Estes são, de facto, os grandes desígnios para o bom ordenamento do território. Digamos que eles têm vindo a ser prosseguidos com um razoável sucesso, apesar das tensões sobre o uso do solo que se verificam em áreas de maior dinamismo económico e social, como o são a faixa litoral, de uma maneira geral, e os principais centros urbanos do Interior.

É precisamente no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio que está em curso um conjunto de iniciativas, com grande incidência nas áreas urbanas, orientadas para a correcção de disfunções que se têm manifestado, de uma maneira geral, nas áreas urbanas e periurbanas mais dinâmicas. O modelo territorial, assente numa rede densa de centros urbanos de pequena e média dimensão, favorece as relações de proximidade, que facilitam o reforço da identidade e da coesão territorial. A partir daqui deverá emergir, naturalmente, uma intervenção mais vigorosa e interessada da sociedade civil, no sentido da exigência de boas práticas no ordenamento territorial.

Cidades com Programa Polis.



A Melhoria da Qualidade de Vida

ESTA É, NO FUNDO, A LINHA ESTRATÉGICA envolvente – sem qualidade de vida, assim percebida pelas populações, não há desenvolvimento sustentado.

Múltiplos indicadores mostram que, na sua globalidade, a qualidade de vida das gentes da Região Centro tem melhorado, pelo menos ao ritmo do crescimento económico. Persistem, no entanto, problemas sociais que assumem maior gravidade em grupos mais frágeis, quer pelo nível etário, quer pela localização em áreas marginalizadas, quer pelas consequências negativas de alguns processos de reestruturação dos sectores produtivos. Impõe-se assim uma continuidade nas políticas sociais. Mas a tendência



mais forte é a que resulta da boa robustez do tecido económico e da coesão social, que configuram e alicerçam territórios coesos e atractivos.

AO CABO DO PERCURSO POR ESTAS NOTAS SOBRE UMA VASTA E VARIADA REGIÃO, COMO O DEMONSTRAM AS IMAGENS, O LEITOR DECERTO TERÁ DESCOBERTO QUE NO CENTRO DE PORTUGAL EXISTEM TERRITÓRIOS HABITADOS POR POPULAÇÕES ENGENHOSAS E LABORIOSAS QUE, NO RESPEITO PELAS SUAS IDENTIDADES, CONSTROEM INCESSANTEMENTE O FUTURO, DA REGIÃO E DO PAÍS.

TAMBÉM TERÁ CONCLUÍDO, COMO NÓS, QUE ESTA PUBLICAÇÃO, NÃO SENDO MAIS QUE UMA INTRODUÇÃO, É UM DESEJADO CARTÃO DE VISITA. POR ISSO LHE DEIXAMOS AQUI O DERRADEIRO DESAFIO: VISITE A REGIÃO CENTRO, DESCUBRA A *GEOGRAFIA DA DIVERSIDADE*, AVALIE AS SUAS POTENCIALIDADES E DEIXE-SE LEVAR PELO FASCÍNIO DA TERRA E DAS GENTES, QUE O QUEREM RECEBER, QUEM SABE SE PARA A VIDA...

Título

A Região Centro

Editor

Comissão de Coordenação da Região
Centro

R. Bernardim Ribeiro, 80

3000-069 Coimbra

Tel. +351 239 400 100

Fax. +351 239 400 115

e-mail: geral@ccr-c.pt

http://www.ccr-c.pt

Coordenação

Lina Coelho

Textos

Jorge Gaspar

Fotografia

Paulo Magalhães, Rui Cunha, Sofia
Paiva, Slides & Bites e Geoglobal

Também imagens cedidas por: Vista
Alegre, Fábrica de Porcelanas da
Costa Verde, Revigrés, Recer;
Pavigrés e TEandM

Projecto Gráfico

Caixa Alta red cell

Impressão

SIG – Soc. Ind. Gráfica, Lda.

Apoio à Coordenação

Jorge Brandão

Tiragem: 1.600 exemplares

ISBN – 972-569-123-7

Depósito Legal: 180938/02

Imagens – Índice

Capítulo I.

- Pg.4 Serra da Estrela: Arvoredo no outono
- Pg.5 Baixo Mondego: Campos agrícolas
- Pg.7 Trancoso
- Aveiro: Edifício do fórum
- Pg.11 Serra da Estrela
- Pg.12 Vinha da Região do Dão
- Pg.13 Tejo internacional

Capítulo II.

- Pg.16 Mosteiro da Batalha
- Pg.17 Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra
- Pg.18 Sé Catedral de Idanha-a-Velha
- Pg.19 Jardim Episcopal de Castelo Branco
- Pg.20 Sé de Viseu
- Castelo de Leiria
- Pg.21 Piódão
- Marialva
- Pg.22 Universidade da Beira Interior
- Cine Teatro Avenida em Castelo Branco
- Pg.23 Casa de Xisto na Malpica do Tejo
- Casa de "Brasileiros" em Ovar
- Pg.25 Jovens da Universidade de Coimbra
- Pg.30 Filarmonia das Beiras
- Pg.31 Companhia de dança Paulo Ribeiro
- Pg.32 Universidade de Aveiro
- Pg.33 Praça da República de Coimbra

Capítulo III

- Pg.36 Fábrica da Labesfal
- Pg.37 Anfiteatro da Reitoria da Universidade de Coimbra
- Pg.38 Fábrica da Iberomoldes
- PT Inovação em Aveiro
- Pg.39 Termas de São Pedro do Sul
- Águas do Luso
- Pg.41 Produtos Regionais – Queijo da Serra e Broa de Milho
- Pg.42 Garrafeira – Região do Dão
- Madeira
- Pg.43 Produtos da empresa Fábrica de porcelanas da Costa Verde
- Produtos da empresa Vista Alegre
- Pg.44 Peça do Museu de Confimbriga
- Fábrica de Porcelanas da Costa Verde
- Pg.45 Produtos das empresas Revigrés, Recer e Pavigrés
- Pg.47 Empresa Iberomoldes
- Pg.49 Linha de produção da Crisal – Marinha Grande
- Pg.50 Monumento à bicicleta em Águeda
- Pg.52 Produtos da empresa TEandM
- Pg.53 Fábrica Paulo de Oliveira
- Pg.55 Pinhal de Leiria
- Pg.56 Castanhas, Cerejas e Medronhos
- Pg.57 Produtos Regionais – Mel e Pão
- Pg.59 Pintura manual em Louça de Coimbra
- Pg.60 Colcha de Castelo Branco
- Pg.61 Termas de Monfortinho
- Hospital da Universidade de Coimbra
- Pg.63 Casas da Costa Nova
- Marina da Figueira da Foz
- Pg.65 Barragem da Agueira
- Hotel Palace do Buçaco
- Pg.66 Rio Mondego em Penacova

Capítulo IV

- Pg.68 Rio Mondego. Obras hidro – agrícolas
- Pg.69 Vista aérea do Centro Histórico da Guarda
- Pg.71 Serra do Açor
- Pg.73 Tecto da igreja de Escarigo em Figueira de Castelo Rodrigo
- Praia da Figueira da Foz
- Pg.74 Nó do IP-I em Coimbra
- Pg.75 Saída da Gare ferroviária de Coimbra
- Pg.78 Fórum Aveiro

